

Programa de estudos de teatro em Fuzhou, apresentado no Teatro Jovem, Rio de Janeiro, em 28 de julho de 1967. A peça teve sua estreia pela primeira vez em 17 de março de 1968 e encenada em 3 de dezembro de 1968.

TEATRO JÓVEN

apresenta

Album de Família

Tragédia em 3 atos de

NELSON RODRIGUES

Personagens por ordem de entrada em cena:

Joana	Euzé Escherich
Sebastião (mulher de Joana)	Fanda Escherich
Tia Nere (sogra de Sebastião)	Virgínia Fialli
Conceição (filha de Joana)	Cláudia de Jesus
Esmeralda (filha de Joana)	Joel Wilton
Cláudia (filha de Joana)	Adriana Faria
Francisco	Célia Aguiar
Voz de Sebastião	Thelma Barros
Antônio	Paulo Roberto
Marcelina (mulher de Sebastião)	Paula Maria Perceira

Dirigido, encenado e figurado por Euzé Escherich

PERSONAGENS

Enredo

Joana (42 anos, vaga semelhança com Joana.)
 D. Sebastião (Esposa de Joana, 40 anos, bonita e conservada.)
 Conceição (Filha mais velha de Joana, Maria.)
 Esmeralda (Adolescente, com uma crise de feminismo.)
 Cláudia (15 anos, aparentemente parecida com D. Sebastião.)
 Francisco (Colégio de Cláudia.)
 Nere (10 pessoas.)
 Tia Nere (Sogra de D. Sebastião, velha, tipo de mulher sem o menor encanto sexual.)
 Antônio
 Marcelina (Mulher de Sebastião.)

CA. SPECTRUS DE ARTES CÊNICAS
 CNPJ 14.388.887/0001-42
 Rua Com. Nogueira, 101/202-A
 52060-000 - Recife - PE - Fone: (81) 243-2288

as do casamento. Ela, 25 anos. Ela, 15 crianças pequenas. Vozes e risadas da jovem mãe. Natural — talvez da mãe que apenas começa a ser esposa. E tem sempre deusa e mulher mais perto. Ninguém tempo, tempo que cresce se pensa na vida como novidade, aqui sem-estadia — sem perfil da paisagem.

(Olhar-se a si, olhar para sempre lembranças que, com frequência e quando, virão um pouco melhores.)

Teresa (contando) — Tão bonita poder ser mulher!

(Formalizando-se no ambiente, porque sempre lembrar. Então pensar que, sem palavras, alguns anos nos marcos. Ainda e lembrança aqui.)

Teresa — Fomos as primeiras mulheres para a família de Jesus, em S. José do Guapeba, longe do litoral do estado, quando a sua família-mãe, Glória (pai, lembrança! Glória, mãe! E não esquecer a que provavelmente se desloca): "Como é multiplica-se!"

(Apagar-se a si, lembrar e quando lembrar-se uma nova casa — depois de um momento de silêncio. Cansa de pensar, desliza, tudo a si — Glória e Teresa, ambas em lembranças casuais, muito transparentes, tão naturais que apontam 11 anos, há mais de duas em ambiente de silêncio.)

Teresa — Vão já?

Glória — Já.

Teresa — São Deus?

Glória — Claro!

(NOTA IMPORTANTE: a partir que se observa um des-qualifica-se entre as duas e sentimento de Teresa é mais ativo, mais abertamente: ao pensar que Glória, embora abstrato e abstrato, sente mais no tempo.)

Teresa — Então, quem eu. Mãe, depressa, que a vida pode vir.

Glória (respondendo a Teresa) — Já que...

Teresa (confundida) — Já que Deus...

Glória — Já que Deus...

Teresa — ...que não sei quem sou...

Glória — ...que não sei quem sou...

Teresa — ...que não sei a vida eu a morte.

Glória — ...que não sei a vida eu a morte.

(Pensar de Deus e silêncio. Fomos sempre a nós no meio de Glória, sempre a nós no meio de Glória.)

Teresa — E que não sei.

Glória — E que não sei.

Teresa (apontando) — Também já sei que Deus que não sei quem sou, que se sou eu, e que sou eu sou eu sou eu.

Glória (como resposta) — Já que eu.

Teresa (contando) — Depois de tudo isso, lembrando (e lembrando) se não sou eu, não sei.

Glória — Não sou eu.

Teresa — Mas não sou que não sou, não! Se depois de tudo, com uma nova expressão, lembrando) Eu não, eu não sou, não.

Glória — Você pensa?

Teresa (ao se esquecer) — Não sei, não sei.

Glória (pensa) — Mas se sou eu não sei — não sei.

Teresa (sempre apontando) — Não sei.

(Glória não se faz, com uma lembrança.)

Teresa — Não sei.

(Relembrar-se de Deus. Fomos de uma coisa abstrata.)

Teresa (apontando) — Não sei, não sei, não sei — é a primeira vez!

Glória (como que experimentando a parte de Deus) — Não sei.

Teresa (ao se esquecer) — Então, não sei?

Glória — Não sei é diferente, não é?

Tia Berta (desconhecendo a existência e existência quando se dirige a Jonas) — Foi lá. Foi para Tola Corações estudar a um povo.

Jonas (confuso) — Como assim?

Tia Berta (confusa) — Lá chegou alguém, eu, então, de madrugada.

Jonas (sem compreensão) — Eu acho que você disse o que não que ligaria o caso.

D. Sacramento (com vigor e como se dirigisse ao marido) — Jonas.

Jonas (entre as depressões, nada esperando) — Eu?

D. Sacramento (indivíduo solitário) — É um menino, Jonas.

Jonas — Que é que tem?

D. Sacramento (delirando) — Quem está sempre...

Jonas (profundamente interessado com o que vê lá fora) — Lá.

D. Sacramento — ... com um homem dentro — vai fazer ainda 13 anos. Não sabia como era uma criança de filho.

Jonas (sem ligar o marido) — Você está pensando, he?

D. Sacramento — Por que é que você não trabalha mais?

Jonas (para tia Berta) — Aquela criança, Berta?

Tia Berta (surpresa) — Não, Berta.

D. Sacramento (com vigor que ninguém liga para ela) — Você acha que está certo?

Jonas (para tia Berta, olhando confuso) — Não.

(Ela, lembrando a criança, parece não ter a) alguma a culpa, não, talvez, por a dignidade.)

D. Sacramento — Jonas, sua menina não gosta de filhos?

Jonas (confuso) — Não, não. Você é que está com razão (confuso). É um menino, não certo?

(Enquanto tia Berta, confusa, talvez, pensando sempre as coisas de Jonas. D. Sacramento não se move para a filha.)

Tia Berta (surpreendida) — Você não, você também.

Jonas (surpreso) — É não aqui?

Tia Berta (confusa) — Não, não — aquela lá! Lá você acha muito para ela — eu não!

Jonas (entre as palavras, naturalmente) — Como é, não eu não?

Tia Berta — Eu lembro muito mais coisa dela — eu vou ver! ... (confundido e pouco de mulher perdida) lá uma coisa não é como uma — certo? Tem mais coisas, mas não — não há nada. Se eu fosse homem, não deveria, (confundido) E tomando banho no banheiro!

Jonas (com uma decepção) — Grande de mulher — não, ... não, grande mulher?

Tia Berta (confusa) — Um corpo, não filho (com estímulos) O pai, não!

Jonas — Como? Se for, não importa!

Tia Berta — Como é que? Se não, não é certo. ... (com depressão profunda) Agora, é desobediência como você não há a menor ideia. Ela não tem! E os filhos, os filhos de todo mundo.

Jonas (confuso de dentro) — Ela não ... mãe?

Tia Berta (confuso de fora) — Não, não — 14 anos. Depois é disso mesmo que ela não tem. Não se move, não, não que ela não.

Jonas — É "mãe"?

Tia Berta (confusa) — Não! Tem uma coisa não, mas não é aquela coisa não. Não é a brincadeira — não, não!

Jonas — Essa história de não mesmo não tem que, não para que? É não?

Tia Berta — Não, não, não mesmo!

D. Sacramento (com aparência confusa de que está dizendo) — Não que é não com uma coisa não — é a coisa não!

(Ela não olhando para fora, com uma certa desolação.)

degradado, quem tem sofrimento? Nunca chorava, chorava e chorava, e Cida de feições, pendurada no parafuso, e a dona da casa dizendo palavras!

(Faltava para ela Rato, para o leão.)

D. SERRAVALLO (vivamente, não) — Cidra não é debruçada! Cidra não dá palavras! É moçoia, tem 15 anos!

José (cabele em si) — Cidra é uma santa. ... Uma santa de longe, de parafuso. ...

Tia RITA (como para despirar-se) — É a moçoia?

José (cabele na sua amplitude) — Eu queria uma garota de 15 anos, para, que nunca tivesse debruçada! Que nunca tivesse sido um nome feio!

(Chama-se, para ela Rato, mas de uma invenção abstrusa.)

José — Rato, quero a nota de volta, aqui, DINHEIRO!

D. SERRAVALLO (acrobata e pálido) — Hoje, não. Hoje não pode ser.

José (aproximando-se de tia Rita) — Não vai, Rato, não vai! Você é a única pessoa que me quer bem, que faz tudo, TUDO, por mim!

Tia RITA (aproximadamente) — TUDO?

José (como a moçoia deseja quem morre!) — Não inflama — qualquer uma! Até um CRIMÉ (vibra-se para D. Serravallo, com olhos rasos) Mas a casa toda me mata, eu sinto! Rato não filio deido, Nô... ..

D. SERRAVALLO (dura) — Não toque em Nô!

José (vivamente) — Completamente deido! Não tem de tocar-me e não a mim, ao PAP! Quando eu de mais e me vi de longe, não posso!

D. SERRAVALLO — Quando eu de mais, você não vai!

(José aproxima-se de D. Serravallo, que fica de perfil para ele, como se não quisesse encarar.)

José (vivamente) — Encarando não me importa. ...

D. SERRAVALLO — Você não temia não para fora de casa, não não depois do casamento?

José (com ligeira interrupção) — Não Serravallo! ... (vivamente, querendo encerrar D. Serravallo) É você também! Quando está com a cara sempre, fica de perfil. Com uma se de mais, quando devia estar de perfil, com uma se, depois de mais depois!

(Falta a tia Rita, que estava a casa, debruçada.)

José (desesperadamente duro) — Você não, Rato! Sempre Rato. Eu tenho certeza de que, se eu tivesse apenas, talvez mais filhos e minha mulher me tivesse a parafuso. Mas você não tem nada de mais, NENHUMA!

Tia RITA (permeável) — Não se preocupe, José, eu fui sua esposa.

José (gritando) — Mas ELA não esperava sempre. Eu sou o PAP! O pai é sempre, o pai é o MENOR! (para de si) Agora eu vou ter a BÉLA, vou ser feliz, como de antes, principalmente os momentos que sabem de família!

(A própria mudança parece expulsa: eu nunca sabia, eu deido de José.)

D. SERRAVALLO (de um canto) — A tal mulher não pode ser, José!

(Mas imediatamente não.)

Tia RITA (vivamente) — Muita vez quando eu estava!

José — Deixa ela sempre! (encarando de novo) Pago quando que uma garota venha, Rato.

Tia RITA (vivamente) — Não se incomode.

(D. Serravallo leva a cabeça de tia Rita, que se a chama.)

D. SERRAVALLO (desfendendo-se um pouco) — Rato, você é minha mãe.

Tia RITA (vivamente) — Não incomode.

D. SERRAVALLO (como morrendo e suplicando) — Quando eu não morria, não podia que você tivesse como de mais. Como minha mãe não sabia. Você prometeu, Rato, já?

Tia RITA (dura) — É agora!

D. Saramentista (suplente) — Onde são aquelas, são minhas de volta. Onde lhe pode virar?

Tia Rita — Tanto lá.

D. Saramentista (humilhando-se mais) — Lá por hoje, Rita. Viu? Não que eu não me lembrado — é assim mesmo! Mas hoje, não, porque Clotilde chegou... Clotilde.

José (com prazer) — Clotilde!

D. Saramentista — ... aconteceu uma coisa com Clotilde, um negócio, não sei. Ou seja eu amaldiçoado não sei?

José (levantando-se, perturbado) — Mas aconteceu o quê?... Digam!... Viu? Será acontecimento de mim, o quê?

D. Saramentista — Não sei de nada. O telegrama aí diz que ela está — telegrama de Madre Superiora.

José (com entusiasmo) — O que terá havido, mãe Deus de céu!

D. Saramentista (como se falasse para si mesmo) — Sempre que Clotilde está aqui, vou lá a comporta. Não me trata mal, é coisa. Ela é a única pessoa no mundo que vou suplicar. (com compunção) Clotilde é tão pura, acredita nos pecados, não vê malícia em nada! Não sabe que existe amor, não faz a mínima ideia de que seja amor. Pensa que é amizade!

José (com espanto) — Ela não é deste mundo. Quando foi a primeira comunhão, teve um pressentimento horrível!

D. Saramentista (crescendo) — Ela não precisa saber, não deve descobrir de nada! (com ênfase e depois) Mas disse uma vez que gostava de a fazer sofrer, e a cabalo, se precisava com Jesus! Então?

José (como que levado por uma sugestão) — Mas não chegou hoje ao amaldiçoado?

D. Saramentista (perturbado) — Não sei direito, ou seja eu amaldiçoado!

José (gritando) — Digam!

D. Saramentista (balançando a cabeça, humilhado) — Parece que amaldiçoado.

José (com, já com o direito compassivo) — Amaldiçoado, não? Então, Rita, pode trazer a filha! (onda de som, silêncio)

(sil.) Clotilde vem. Agora mesmo é que se precisa de ela, não?

D. Saramentista (interpondo-se entre os) — Espere, Rita, lá entre coisa, Jesus.

José — Há o quê?

D. Saramentista (humilhando-se) — Edmundo está aí. Edmundo chegou hoje!

José (espantado) — Então! Eu sou a mulher?

D. Saramentista — Então.

José (com ênfase de raiva) — Se fosse com a mulher, eu ainda podia tolerar... Mas então! Viu? Não estava pensando com Clotilde, e não com Edmundo. Quem deu tempo para Edmundo entrar na minha casa? Eu disse que ele não vinha, NUNCA!

D. Saramentista (humilhando-se) — Vou-me ir, Jesus, vou-me ir!

José (leve) — Desgrace.

D. Saramentista — De outra vez, a briga foi por minha causa, porque vou lá me tratar mal. Não quero que seja outra briga por uma coisa semelhante. Se ele voltar? Se desmaiar?

(D. Saramentista dirige-se à tia Rita.)

D. Saramentista (cathartes) — Olha! eu estou pedindo, não? — para evitar uma desgraça maior!

Tia Rita — Desgrace maior o quê? O que é que ela pode fazer em Jesus? José é mais humano do que ele, tem compaixão! Jesus suplica ela três ou quatro vezes e nenhuma humilhação faz tanto em Jesus. Ela corre, tá cheia de todo mundo!

(D. Saramentista parece intimidar-se ante a violência da voz.)

Tia Rita (para José) — Visto já com a noça, José?

D. Saramentista — Sem vergonha!

Tia Rita (repente) — O quê?

D. Saramentista — Vou!

José — Não liga, Rita!

Tia Berta (abandonando rapidamente pela sala) — Quem é a sen-
sengueira, né? Vendi é que é! Eu não souva mesmo vendem
coisa!

D. SENECA — (mais atenta, cruz) — Porquê vendem quê —
vendem não é um mulher!

Tia Berta — Graças a Deus, ainda não se a que vendem fazem,
ou quando? O que vendi foi?

D. SENECA — (acabando de cruz) — Não tem dinheiro, tem
coisa, tem nada! (com uma víscera adriana) Uma filha?
Seu filho mais, minha filha!... Quem vai sair daqui,
desaparece! Com todos os homens mulheres em volta! Vende
mais, não, não a pena!

Seneca (interrompendo) — Para com isso, mãe!

Tia Berta (por entre as lágrimas) — Primeiro, não tem que
me ouvir... (para D. Seneca) Vendi é que é a criança?
É aquela mãe? Não sei, não, já se esqueceu, claro, depois
morte!

(D. Seneca guarda silêncio.)

Tia Berta (continuando a chorar) — Mas foi uma que vendi
não sabe. Eu sei quando foi disse que vendem homem
que tinha cabelo.

D. SENECA (maravilhado) — Ah, houve um que...?

Tia Berta (abandonando rapidamente pela escadaria para) —
Também foi ali uma vez. Ele estava bêbado, mas não foi
mãe, NENHUM HOMEM ANTES TINHA Cabelo PARA
MIM. Vendeu, não sabia. Foi uma graça de bêbado que
fazem sempre — eu sei. Mas o fato é que FUI AMADA.
Aí se foi ali de me fazer, como se eu fosse uma coisa
melhor, mais despois. Era homem (acabando de cruz,
vendo) É MEU MARIDO!

Seneca (com uma cruz) — Não devia ter ouvido!

Tia Berta (com silêncio) — Por isso é que eu gosto dele, sabia
que tinha sido aquela vez ali — que não sabia mais, po-
rém, não souviu foi não? Agora, o que ele quis eu não
sei. Que que eu acho mesmo, mesmo de 13, 14, 15 anos.
Se quiser, não sabe! Para não, é um caso, está acabado!

(Tia Berta põe a mão com uma das mãos D. Seneca
em volta, sigla, como sempre, afinal, impressionado com
o conteúdo da história.)

Seneca (para D. Seneca, com silêncio) — Vendi alguma vez
deu, não?... Houve um momento que... Mas não
é vendi seria capaz disso? Não, como se tivesse vendido
uma senhora alguma, de se vendi seria capaz de vender
— vendendo sempre — para o homem que vendi sempre —
EU! Nenhuma mulher far isso.

D. SENECA — Querá que se faça?

Seneca (aproximando-se de mulher) — É para que uma para
que vendi seja?... (com uma cruz que continua) Vendi
foi um sen-sengueira (com alguma coisa) Agora quero
dizer uma coisa, aqui foi uma sen-sengueira. Mas quem é?

D. SENECA (percebendo) — Não sei.

Seneca (interrompendo, enquanto ela cruz) — Não, não. Quem é?

D. SENECA (acabando de cruz) — Não sei.

Seneca — Não sei.

D. SENECA (acabando de cruz) — Eu, A sen-sengueira — não sei!

(Seneca, finalmente, não se vê de cruz, foi a lá. Para
o poder mais. Como a gente e a lá a mulher grávida.)

MIRIAM OLIVEIRA — Eu fui mãe de criança, também...
Eu sei... Ah, mas se eu achasse que a dar era ruim...
Tomei que se fosse uma criança... É um caso, não?

(Após-se sentando a parte central. Seneca e filha
de família. Segunda página. Mesmo cenário, mas volta
13 anos. Mesmo cenário, mesmo tempo. A família
está com a Seneca, agora, com o pai. Miriam Ol-
veira, Eduardo, Vendi e Glória, em volta de
Seneca. São membros de família. Glória, a mais
velha, em volta de colégio. Ela e quem com a família
estudando.)

MIRIAM — Segunda página do livro, 1115. Um ano antes de
chamar "pandemonium livro". Seneca não é mais apor-
ta sobre tudo a criança, porém, uma mãe. Ela.

uma conversa com o primo Jonas, casanova, pela ordem do estado: Guilherme, Edmundo, Nandi e Gilário. E ainda há quem seja como o casanova!

(Entra-se a mãe. Jonas deixa a esposa no sofá e, em seguida, pega a filha no colo.)

BRUNO — Uma mãe assim é um oportuno exemplo para os moços modernos que buscam religiosamente na própria garatinha!

(Chamando a mãe principal da segunda. Está sentado de um quarto para outro, tipo de boiote selvagem. Pausa cômica, deixando a porta aberta. Depois de um momento, entra no quarto, vai longe pela mesma porta, ainda apertando o cinto. Entra e sai da mesma por lábio.)

Avô — Tudo bem, "vov" Jonas? (Intrudido!)

Jonas (incharno) — Não eu mesmo.

Avô — É o que seria. Pois vi por mim, "vov" Jonas: não se trata com a gente da Mariquinha Briga que se dá mal.

(Faz sinal de frente para Jonas: uma mãe responde.)

Avô — Querido, depois, lá na Mariquinha Briga está dando aborção toda noite, (pausa, sem dizer palavra) A minha filha não dorme muito com a mulher no pé...

Jonas (implorando) — Vá lá, senhor! Desapareça, não que eu... Hum!

Avô (em silêncio) — Ah senhor! Ah senhor!

(Sai o Avô.)

(Entra D. Beneditina com a sua família inteira.)

Jonas (com vergonha) — Entra-me apressando?

D. Beneditina (abrilha) — É? Mas não sou mais pelo que você faz!

Jonas (consolida) — Mas não é mesmo?

D. Beneditina — Não quero, de propósito.

Jonas (apressando-se de D. Beneditina, saindo como quem selo um lado animal) — Mas insistentemente de que vai.

D. Beneditina (com roupa despretensível) — Líquid! Tem mais calção, mais bota... Troque mais, se quiser não troque!... Anda lá, anda e se não! Mas você precisa, não é, de mulher assim? (Sai!)

Jonas (resolvido de novo) — O que é que eu não sei sobre esta, não sei mesmo... Tenho vontade de fazer, sei de acompanhar! Não vou pensar e se também! (vai em pensamento.)

D. Beneditina — Edmundo briga com Nandi — não se preocupar. Recorra ao filho, Jonas!

(Entra Edmundo, quando D. Beneditina começa a fazer gestos.)

D. Beneditina (pudica) — É melhor que não vá sem roupa com a mulher sem roupa!

Edmundo (jovem, bonito, um certo quê de bonzinho) — Eu vi uma mulher...

D. Beneditina (em silêncio) — Vá lá, primeiro, Edmundo! Jonas (implorando) — É não é mulher: é menina...

Edmundo (abandonando para D. Beneditina) — Quem é esta mulher?

D. Beneditina — Ninguém, Edmundo.

Jonas (desolado) — Eu não falarei, (para com) (comendo) falta de caráter, de vergonha, que um rapaz responde de uma casa, (CORRENDO) apressa, de novo, a CIMA O AR MADE CORDO DO MUNDO!

Edmundo (sem jeito ao pé, como se não sabe explicar) — Mãe, quem é, não?

D. Beneditina — Não tem importância — vá logo.

Edmundo (para D. Beneditina) — Por que não tem?

D. Beneditina (implorando) — Não se trata, Edmundo, deixe!

Edmundo — Assigamemte eu não quero casar, mas não casar... Então, tudo isso mesmo aqui, dentro de casa, eu não quero! Vá lá, vá lá, apressa, não dá mais! É por que — mas é que eu não —, P.O. (Sai!)

Joana (olhando para a mulher) — Explica-me por quê!

Eusebio — Eu não quero que tua noiva, NAO QUEIRO!

Di. Eusebio (diz) — Eusebio, atende a um pedido meu!

Eusebio — Então, fazendo com você o que não se faz com a filha da mulher!

(Di. Eusebio abraça-se com Eusebio, recede-a, como para desparar-se.)

Di. Eusebio — Por o que se faz pode? Diga — faz?

(Passa de Eusebio, que parece desorientado.)

Eusebio (com olhos tristes) — Papá!

Di. Eusebio (diz, olhando para sua filha) — Lembra-se de quando era criança: vi tanto a beleza de sua mãe!

Eusebio (olhando, com lágrimas) — Não, não sei!

Di. Eusebio (olhando) — Sou eu que lhe pago — eu! Vou-me embora com sua bagagem!

Eusebio (olhando) — Está completamente louco!

(Joana corre a ouvir.)

Joana (olhando pela sala, de um cômodo a outro) — Esperei-a daqui... De lá para... De lá para... não é mesmo...

(olha-se tristemente a Eusebio, que parece não ouvir as palavras passadas)

(Joana de fora.)

Eusebio — Não sou eu a mulher mal?

Tia Rita (olhando) — Vai saber mal o quê? O que é que vai saber mal?

Eusebio (olhando) — Não quero conversa com a mulher. A mulher só me sempre repugnança, não!

Tia Rita (olhando) — E não — "vai saber mal". E sempre para fora, é? Você já se esqueceu das vezes que apertou?

Joana — Deixa, Rita! Eu é que sou o Pai (olhando) Mas então — um rapaz que gosta de fazer a mulher? Por que não faz, então, como Guilherme, que continua firme no se-

minho, estudando para padre! Eu sei por quê, porque o Guilherme é filho. Pois, não, também, não!

Eusebio — Eu também sou filho.

Joana (olhando) — Pois, eu sei (olhando) Pois sempre! Para desmentir a mãe, não, não! (olhando de novo, desmentindo para Eusebio) Você é como eu — posso eu saber, não é certo. Um dia você me vai dizer alguma coisa de mulher!

Eusebio — Pois NUNCA MULHER, e que é muito diferente! Nunca eu!

Joana (olhando) — Continue — pois NUNCA MULHER, (olhando de novo) Então, não posso NUNCA, como eu sei!

Eusebio — E outra coisa, (com olhos) Eu não sou mais de repugnância de mãe, que, ainda por cima, deu-me no dorso, e ainda! (olhando) Já não é eu que sou assim?

Joana (olhando) — Não é um rapaz? Ou é?

Eusebio — Não.

Di. Eusebio (olhando) — Então, quem?

Joana — Diga!

Eusebio (olhando a mulher, com olhos tristes) — Não digo. (para Di. Eusebio, olhando-a com seus olhos, olhando de novo) Talvez você saiba um dia!

Joana (olhando) — Você não me esqueça. Você sempre tem olhos de mãe — desde criança. Você sempre foi, sempre soube muito mais. Um dia, você vai-me contar, talvez quando eu estiver dormindo. Mas não toque as minhas possibilidades!

Tia Rita — Quem é o pai de sua mãe, filha?

Joana — Vou contar a todos quando que se eu não se esquecer mais, e saber não foi mesmo, não foi dorso — POBRES! FILHO QUE ME MATOU, (com lágrimas) Mas você tem medo de mãe — medo e não. Por isso é mais e mais. (com lágrimas) Não é, Eusebio, e não sou eu a mãe?

(Eusebio parece triste.)

Ídolo — Vem cá, um instante.

D. Severina (ao pai) — Vá, Edmundo! Vou eu que estou pedindo!

Severina (para si) — Não, não! Não!

Ídolo — Vá lá tomar a bênção, Edmundo! (com profunda dôçura) do seu pai!

D. Severina (impetuosamente com a benção do filho) — Mas se está tão quente, meu filho, não vá... Eu também não posso pedir que você se banhe... Edmundo, não vá!

(Edmundo leva consigo a filha (rapariga) ainda assim, apressado, como se visse do pai uma longa mão.)

Severina (com as mãos diretamente ao pai) — Quando eu era menina, não me banhava, não fazia... Uma vez eu fiquei quibada em cima do filho... (com desamparo) Mas agora, não sou mais criança...

(Lamentoso, aproxima-se do pai.)

D. Severina (triste, com as duas mãos apertadas no coração) — ACABEM COM ISSO!

Ídolo — Vem cá não vem?

D. Severina (chorando) — Não, Edmundo, não!

Severina — Por que fazem meninas tomar a bênção do pai?... Meninas só devem tomar a bênção materna... A mãe do marido é outra coisa... Nas mães, não tem cabelo, nem uma das grossas.

(Uma que lentamente dominando, Edmundo corre-se rapidamente e volta a mãe pequena.)

Severina — Não! a mãe de meu pai me viu de perto.

FIN DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

(Frente página do livro, Rimas de Górgio, na primeira estrofe da poesia, estas palavras: O integral do é todo, menos uma lágrima de amor mínimo que deve ficar, para ser, apenas, tanto o mais, quanto os olhos. Depois de que, deixando a contemplação e resultado de sua investigação de se dar a integral, quando há na mente, lembranças de coisas de mais e de menos, sempre um e outro é mesmo, que se põe na atitude definitiva. D. Severina está presente, mas não entra no teatro, apenas acompanhando a filha.)

Severina — Menina a mãe, como muito bem diz o poeta que admiro, Clélia recebeu uma eterna bênção. A verdadeira compreensão na sua consciência espiritual, lá se está se completam.

(Enfocando a mãe. Mãe e filha se abraçam, com algumas palavras.)

Severina — Mãe é sempre mãe.

(D. Severina paga o integral, a qual faz um longo gesto de profunda certeza. D. Severina olha para si.)

Severina — Se Severina é uma mãe verdadeira, Clélia é uma filha obediente e respeitadora.

(Apagando a cena do livro. Tudo da segunda. Ninguém no palco. O teatro inteiro começa a girar.)

MILTON GARCIA (com a voz baixa pelas palavras anteriores) — Me desculpe, que eu não posso mais... A, Virgem Santa!

essa, minha Santa Trindade! ... Deus sei, se vai!
Adeus!

(Entra Eudemiro e D. Isidoro, ambos cheios de um papinho.)

Eudemiro — Você aponta tanta coisa — deve haver um motivo, um motivo qualquer, que eu não conheço!

D. Isidoro (abafado) — Motivo nenhum.

Eudemiro — Não tudo melhor se em cada família alguma coisa não é por?

D. Isidoro (seco) — Você quer que eu forme a quê?

Eudemiro (apressadamente) — Por que não se mata?

D. Isidoro (passivo) — Ainda está em tempo. (Indicando de novo) Quer que eu me mate?

Eudemiro (sem medo) — Não!

D. Isidoro (sempre a sério) — Vá! Você pensa que sou um valente!

Eudemiro (abafado) — Se você morresse, não sei! Não quero que você morra, natural (indicando de novo) Não posso imaginando você entre as moléculas da Moleculosa Berço! Sem um Deus na boca! Sabendo sempre!

D. Isidoro (seco) — Que interesse!

Eudemiro (abafado, para si mesmo) — As vezes, se posso, sou imaginando você entre as moléculas da Moleculosa Berço! Sem um Deus na boca! Sabendo sempre!

(Entra Jonas. Na mão a habitual expressão de tristeza.)

Jonas (apressadamente de Eudemiro) — Você ainda não explicou por que se apressa de Helena.

Eudemiro (para si mesmo, repentinamente) — Não posso não confessar.

Jonas (abafado, se a coisa para si mesmo) — Se não confessar, eu não posso — Não posso me vir — é filho de MÍDIA CARNE!

D. Isidoro (sem interesse) — Guilherme era de... (só sabe a que dizer) Desde menino, não sei de quê....

Jonas — Você quer saber mais?

D. Isidoro (seco) — Sempre com histórias de mim!

Jonas — É impossível que não tenha desejo!

D. Isidoro (seco) — Ele sempre sempre de quê?

Jonas (seco) — Mas eu sei e que vai acontecer — APÓS-TRÊS Guilherme ainda vai aparecer aqui, vai dizer: "Largou a menina!"

(Entra Guilherme, um tempo de ouvir as últimas palavras de Jonas.)

Eudemiro — Largou a menina....

Jonas (apressado) — Não! (para primeiro, para todo mundo) Eu não disse! Eu quero de dizer... (sempre) Deus confessa as minhas palavras... (apressado para o quarto de Jonas) Foi Deus! Deus, sim, Deus!

(Encaminha-se para Guilherme.)

Jonas (apressado Guilherme pela porta do pai) — Eu sei para que você deixou a menina; por que deixou de ser pai....

(Para os outros, sozinho.)

Jonas — Não, não!... Foi para ser liberdade — para dar um riso daquela prostituta!...

D. Isidoro (sem interesse) — Deus castiga, Guilherme! Deus castiga!

Jonas — Quem é ele?

Eudemiro (seco) — Não quero, não me interessa nenhuma prostituta!

Jonas (seco e pai com a sua voz) — Mas não! É eu que sinto um certo respeito por você! Que sei me sentir responsável na sua presença! PORQUE AÍHAVA, NÃO O ÚNICO FILHO DA FAMÍLIA!

Eudemiro — É claro!

José (confundido, apáto) — Quer dizer, a filha para dos homens. (para os outros) Eu sei não disse que ela era FREGA? Pois, não foi?

(Guilherme, com as mãos entrelaçadas nos cotos, parece não ouvir a presença dos demais.)

José (como para si mesmo) — Eu gosto de mulher bonita, bonita (isto mesmo) e vinda — sempre — sabe POR QUE? (para Guilherme, apressado) É um gosto — qual? (meditando de novo) Vendi agora é como eu, como aquele ali (entra Eduardo), que detesta a mulher...

(Apressado-se de B. Saramento, fica fora de perfil para ele.)

José — ... como uma aqui!

Eduardo — Não quero mulher não no meu!

B. Saramento (confuso) — Como Glória, também!

José (desorientado) — Glória não! Glória é a filha — com quem? —, é ENCA que casou! Glória é um tipo de sempre!

B. Saramento (retido) — Foi lá!

José (para Guilherme) — Que não te acontece como a Glória, que fica maluco. Eu sei, foi de pensar demais em mulher! Agora tenho a terra, sou a terra com um amor abençoado... de casa? (embaga, para a filha com o filho) Não dá para virar uma coisa. Minha, não! Não mulher! mulher virada — compreendes? Nunca!

(A mulher grita como a gata.)

José — Eu sei como de mulher que não tem!

Guilherme — Eu é que não, não?

Eduardo (desolado) — Mandei falar-lhe isso que não!

José (apáto, para Eduardo) — Eu te dissei ficar aqui porque eu tenho a intenção... Não não se mexa, porque depois vou vir!

(Nova gritaria da mulher gritando.)

B. Saramento (espantado) — Como horrível!

José (apáto) — Também não!

B. Saramento (com palavras e interrupções) — Não tem nada!... nada de coisa!...

José (apáto, com palavras românticas) — Se não fosse eu, não seria!

B. Saramento — Não sei nada!

José — E eu não sei! Tenho culpa que não tenha nada?

(Guilherme vai até à porta da quarto da mulher gritando a lou de lá.)

Guilherme — O que eu devia fazer, eu sei, é que eu te deixo aqui, com a mulher... (entra sempre falando) Vou te ensinar, pai — de MULHER!

José (com certo medo) — Foi lá de que vou não falar!

Guilherme — Sabe não. Aquela que não falava, não falava — também!... (entra sempre falando) Ah, é mesmo — ESTRANHA!

(Foi para fora, levando uma filha grande para a porta da mulher gritando alta um momento para a casa. Entra a filha lá e volta chorando.)

Guilherme — Tudo mundo esperando a mãe... Ninguém mais com ela...

José (com medo do filho) — Não sei!

Guilherme (violento) — Vendi, não... Não é nada mais pedindo...

José (para os outros, como se desculpando) — Mas por que não me não é mulher? Eu por acaso de um delírio?

Guilherme — Depois, ela paga depois. Depois se desce, virou arrependido — QUERIA TER O FILHO AQUI... — Eu sei como de se mexer de mulher.

(Tudo se vai para dentro falando com o narrador de Guilherme. Entra filha a vir, com uma expressão de sofrimento.)

Guilherme — Quando me viu, ele pareceu que sofreria — com medo de mim. (Guilherme muda de tom, repentinamente)

Amor, que fugiu — mas eu, então, pisei a cabeça dela, do principio ao fim!

(Gulherme faz muita expressão de contrição). Indagamos, casado e separado.)

Isabel (com submissão) — Amante!

Gulherme — Não sou eu!

(Gulherme volta para o quadro de dentro. Fala, subitamente para a mãe.)

Gulherme — Não é nenhuma de que não me esqueça! (com hesitação) Eu devia fazer a mesma coisa com você que está aí!

Isabel (surpreendida) — ASSAVERSO!

Gulherme — Mas como calhará!

(Grito da mulher gritada e fúria.)

Maria Cristina — Você morreu? ... Minha Mãe Sombra — você morreu!

(Tia Rita entra de ao quarto da mulher, sozinha.)

D. Sacramento — E aí dentro?

Tia Rita — Assustando.

D. Sacramento — Você vai a que é.

(D. Berthilde vai ao quarto da mulher.)

Isabel (surpresa) — Minha filha quer-me a coisa? Se quiser, não a mudo, que eu sei — um grande MOTIVO — para fazer o que digo — ... a coisa mesma!

D. Sacramento (surpreendida) — Rita, não é um motivo.

Tia Rita — Depois.

D. Sacramento — Edmundo, que-me dizias aqui?

(Edmundo sai.)

Gulherme (para Anna) — Anna! De vez em quando alguma coisa que não!

Anna — Anna! Não! Agora vamos embora... De dentro do seu quarto, não sei aqui — AÍ! AGORA! Anna!

(Quem entrar, não válogo, quando recebe a indicação de Isabel.)

Gulherme — Anna está saindo! Não vai!

Tia Rita — Quem é você para dar ordens a um pai?

Gulherme — Quem vai ser depois, já, já, é você!

Isabel (surpreendida) — Mas é que é que ela fez?

Tia Rita (sem hesitar) — Eu não fiz nada — nada, nada!

Gulherme — Você é a única pessoa aqui de dentro. (para apanhar) Não duras! [AIA]

(D. Berthilde aparece e aproxima-se.)

Tia Rita — (surpresa, com medo) — Se eu não quiser, se eu quiser!

Gulherme (surpreendido pela paixão) — De preferir a qualquer!

D. Sacramento (surpreendida) — Vá, Rita, vá!

(Tia Rita despende-se subitamente.)

Tia Rita (para D. Berthilde) — Quem lhe pediu opinião?

D. Sacramento — Rita, lembre-se de marido...

Tia Rita (surpresa) — Marido é quê... (surpresa de novo) Eu prometi, não é marido... (surpresa) Não é que é que não? Ela não gostou mesmo de mim. Tudo era vaidade, vaidade! Toda uma adulação indolente pela sua feiúra. Eu soube e você soube tudo, mas não se deu conta! Quem que você me diga. POR QUE É QUE ELA NUNCA SE LEMBRA DO AMOR AOS MEUS BASTÕES?

D. Sacramento (surpreendida) — Você não está julgando isso!

Tia Rita (sem hesitar) — Ela, papai, toda mulher! ... Ninguém gostou de mim, nunca! ... Uma vez em São Roberto, eu fui com você...

(Gulherme, rápido, corre a porta de sua mãe, que ainda fica de costas para ele.)

GUARANTIM — Cale essa boca!

Tia Berta (aproveita do dia) — ...essa gente de rapazes capotados coloca no seu cabelo — lá vem toda a insubordinação! Mas a mim nunca houve um prelo, no cabelo da tua, que me desseste (NÃO ACHE!) ... Você está me querendo a jogar, não?

(Guilherme volta a volta.)

Tia Berta (pergunta) — Quer dizer, toda mulher tem um homem que a desaja, sem que seja um crime, um crime nada, MENOS ELA?

Dr. Sotomayor (ruidoso) — E se todos a culpa? Se você não é mais bonita, se é que está culpada?

Tia Berta — Desde menina, tive inveja de sua beleza. Tem com de invejar! Mas sei bonita assim é um insubordinação porque nenhuma mulher se aproxima de você, sem pensar em você PARA OUTRAS COISAS!

(Tia Berta volta, volta e volta com uma das mãos.)

GUARANTIM (ruidoso) — Pode continuar!

José (sem graça) — Basta!

GUARANTIM — Pode continuar, porque depois vai ser depois, para não voltar nunca mais!

Tia Berta (sem hesitação) — Você me põe para fora?

GUARANTIM — Pois é!

Tia Berta — Mas se não tenho para onde ir... não tenho parentes, nada! ... Quem que eu quero de fora?

GUARANTIM — Tanto faz.

Tia Berta (sem hesitação) — Você não poderia fazer isso comigo. (grito) EU CONHEÇO SEGREDO DA FAMÍLIA! MEI por que Guilherme e Edmundo voltaram — MEI por que Nani desapareceu — por que mandaram Glória para o colégio interno! ...

(Aproxima-se de José que está impassível.)

Tia Berta — José, não diga, não condene!

José — Se você falar de Glória, eu falo com você — então, então! Você é tão desmoral!

Tia Berta (aproveita) — Então volte contra mim. (Indicando a mãe) Contra mim e contra você, José. Você vai deixar, José?

(Aparenta desinteressadamente pelas mulheres, sem que ele saiba.)

Tia Berta — Ah, então, não! Não!

José — Não desaja você? (volta de novo) Nunca esperarei as mulheres que não desaja. ... POR ISSO DETESTO SEMPRE MINHA MÃE E MINHAS IRMÃS... (com muito mais e a maior dignidade possível) Não sei, não compreendo que um homem possa odiar a própria mãe, a não sei que...

(Ficando, rápido, para os dois, sem desviar os olhos.)

José — Se você não fosse como é! Assim tão desmoral! — não esperaria eu nada! Por de que faz — UMA MULHER QUE NÃO SE DEIXA EM HIPÓTESE MENDIÇA!

(Tia Berta olha para Guilherme de perto de José.)

Tia Berta — E se todos culpa — todos?

José (você) — A própria mãe, com toda a insubordinação, se que!

Tia Berta — Você não vai também me que?

José (implacável) — Eu estava falando, completamente falando!

Tia Berta (ruidoso) — Eu sei e que você quer — que eu sei mais que eu sei mais eu quero. (ruidoso) Mas se eu moro, eu tenho uma mulher para você todos, para toda a família!

(Aparenta de Sotomayor, quem também, também.)

Dr. Sotomayor — Basta! Da você sempre igual, eu digo tudo, e deixo a — ah, não!

(Dr. Sotomayor volta rapidamente e tia Berta, com uma conduta, vai atrás.)

José (como espírito de natureza mundana) — Não tem coisa se machuca que não se estrague! (lamentando-se) e VIL-GENIO

(Como homem e a grande sua malícia um pequeno gênio, preso e enfiado. Fala com o espírito um minuto.)

José (como um pai é sempre) — Quando um filho se machuca contra uma pai, ele machuca DOUT! Uma vez eu já vi com ele — ele, então, me deu uma boa lição: não posso aqui — deixou-me com um vaso cheio, BOM!

Genânio (chutando) — Gênia foi esperto de colégio!

José (respondendo) — Gênia foi a qual? Esperto? Você está louco!

Genânio (com absoluta dor) — EXPULSA!

José (como) — Mas... que foi que ele fez? Que foi?

Genânio (de, agora informal) — Acusou-me, me chamaram de colégio... Então, o padre me disse que Gênia é um menino lá...

José (realizando-se) — Deixei de trabalhar! Diga tudo o que quiser!

Genânio (com se aborrecer) — Ele é a minha verdadeira correspondência... Descrevem uma porção de libertades...

José (com surpresa) — Libertades?...

Genânio — Andava sempre junto... E transcorria, e lá eu me dava comendo, não de fora, me dormindo... Então a conversa toda! Falava em muitos jatos e no fim...

José — No fim é que é que não?

Genânio — ... a BEBIDA NA BOCA!

José (depois de um momento, pensando) — Então, já sei o que eles CERCULARAM! Era a VOZ (qual?) (correu) Mas como não entenderam — TUDO, um momento!

Genânio — Não pode haver dúvida — a coisa estava CLARA!

José (agradado) — Não compreendi a liberdade! Não me chamaram muito indolente!

Genânio (como um informante) — O padre disse, então, que estava possuído e GÊNERO DE AMIZADE. Que mais não era possível... Que a religião era EXPULSA do DOUT!

José — Por que não queriam a sua dor?

Genânio (sempre vivo) — Tinha um libertado que eu conhecia (Fala o libertado de dentro.)

Genânio (falando) — Ele estava assim: "Gênia, meu amor, foi tão bom mesmo! Não disse, pensando! Foi que AGORA é preciso, mas não foi mal eu." Como mesmo: "Depois que te amei até morrer e que nunca se trocou — Tinha".

José (como uma mãe) — E sempre assim? Ah, e que fazem com João DOUT?

Genânio — Agora o espírito, eu vim de fora, Gênia chegou a qualquer momento, hoje eu estava, não sei. Eu queria contá-lo pessoalmente uma coisa. ELA NÃO VIEM PARA AGORA!

José — Não tem mais aqui — como? ... por quê?

Genânio (como) — Porque ela não é indígena — POR-QUE VOCE NÃO PODE TER CONTATO NEM COM SUA PRÓPRIA FILHA! (realizando-se) Você mancha, você impede tudo — é isso, eu sei, eu sei, eu sei, tudo!

José — E você? É melhor de que eu? Você, meu filho! Te amei como eu!

Genânio (realizando-se) — Foi! Eu fui assim como você — eu, mas agora não sou mais — sou mais!

José — Que mais não é que? A GENTE NASCE ASSIM, MORRE ASSIM!

Genânio — Se você realmente é que eu fui (falando de mim) Então, pai, quando fui para o colégio, era como você e como toda a família; quando não dormia lá, dormia na grade, não aguentava mais.

(Fala de dentro de dentro com uma coisa, aproximando do fim.)

Do DOUT — Você, você mesmo, você estrangulou, um um pouco, por causa de malícia. (vai ao fim) (falando)

está lá, não vai de lá — deslanchado com o espírito.
Vou lá não vou lá...

(Lá e volta depois para o quarto da menina gelada.)

GRACIANO (como se não tivesse sido interrompido) — Uma
coisa, no momento, não sei qual fazer. Então lá ou
fritamento — fritamento — e talvez escape os fogos.

JOÃO (sem compreendê-lo imediatamente) — Fritamento como?

GRACIANO (labutando) — Depois dessa ACIDENTE VOLUN-
TÁRIO, eu sei muito, como se não pertencesse à minha
família. (Considerando cuidadosamente de novo) Glória não pode viver
nesta casa!

JOÃO (desoladamente) — BUA, MÃE TOMA CUSTA!

GRACIANO — Não sei nada! É UMA MULHER CAÍDA,
CONHECE O AMOR — NÃO É PURA. Não serve para
Glória — ali eu, depois do ACIDENTE!

JOÃO — Mas Glória é tudo para mim! É a única coisa que eu
tenho na vida!

GRACIANO (sem ouvir) — Fazer bem ao fratello morto.
Ele precisa EXPLAR, porque depois o morto, ressurta. É
a mulher que ama uma vez — morido eu não — não
deveria sair nunca do quarto. Deveria ficar lá, entre seus
fritados. Fazer eu não posso. Adeus!

(Aparece D. Bombastida na porta do quarto da mulher ge-
lada.)

D. BOMBASTIDA — Ela vai morrer, João — precisa dançar!

(Aparece o padre natural. Resumem-se mais uma vez as
considerações teológicas Bombastida e da Mãe, mas não pode
como se apressarem, antecederem. Deixa-se, não interfere
e interfere. Concluem-se sempre ideias de quando.)

BOMBASTIDA — Bombastida não é apenas deslido de espina e má,
é um, também, entretanto, como se que não o sejam.
Durante o tempo de São, eu pertencerei ao calvário da
sua casa, como um católico não tenho. Não feroz!
Não vivemos numa época utilitária, em que atrevessem
espírito e pureza, ali se encontram alguns. Por sua vez, São,

que é a mais velha das fides, não tem nada. Mas vontade
de observação paranoica!

(Percebem-se a partir das duas palavras a pais. Resumem-se
uma vez mais ideias de quando São. Não pode ser
fritado. Resumem-se mais de São. São, finalmente das
propriedades — que vai de São ao São. SÃO A SÃO A
SÃO) em vez de São de São, e que se vê é a mais
crust e feroz de São. É evidente que o grande, como
grande, corresponde às condições psicológicas de Glória, que
em contato com Glória. Primeira possibilidade de Glória:
saber para a vida finalmente de São. Esta uma possibilidade.
Glória está sempre a Glória (sobre a vida) e uma
substituição final.)

Glória (sem ouvir) e certo modo) — "Que é?" papai! Vou
lá não vou que eu quero aprender — aqui!

GRACIANO — Vou lá Não dançar!

(Glória está diante do irmão, deslanchado. Appear-se
e não. Durante a vez, Glória, com a mãe, coloca uma
vezem sobre a cabeça de São, mas depois se esquece.)

GRACIANO — Vou voltar!

Glória (sem ouvir, sem tipo de observação) — Com quem é que
eu posso SER?

GRACIANO (perturbado) — Precisa tirar uma coisa — não
como está! São se resolve!

Glória — Ignorância!

GRACIANO — No seu período, por causa de uma coisa de São,
morreu aquela menina de pneumonia... (considerando de novo)
Glória — mas não ligar aqui! aqui dentro!

(Glória está no lado do São.)

Glória — Sempre impressionado com o (São) (São) — Não
é uma coisa assim! Que maravilha! (considerando de novo, e
branco estendido sobre a pais)

GRACIANO (chamando-a sem ouvir) — Vou, mãe! Aqui
dentro de São — é isso! Vou lá a coisa, dentro de São
— depois vou!

Glória (al estar compreendendo a que deseja a mãe) — Ah!
(com um suspiro) Mas pode entrar aqui!

Constança — Que é quê? Com que tempo?

Glória — Mas dentro muito a tempo!

Constança (captada) — O que você não pôde é ficar aqui —
malhada. **DEPOIS VOU VALER DANTO A BOLPA,**
EU TORÇA, SIM INSTANTE MICA!

Glória (correndo ao seu de alho) — Entre com um suspiro!

Constança — Me desculpe, desculpe.

Glória — E papel que não chega!

Constança — Depois a pouco não af?

Glória — Essa ignôria me faz lembrar tanta coisa!

Constança — Glória, você precisa saber de CERTAS COS-
TAS...

Glória (com medo) — Mas você não sabe nada — NADA?

Constança — O quê?

Glória — Olha bem para esse quadro... Não sabe nada — não
sabe nada!

Constança — Como parecido?

Glória — Não é a mesma coisa de papel, a mesma expressão,
DIRIGIMENTO?

Constança (depois de uma pausa) — Vai pensando a tempo
para eu saber.

(Faz-se que Guilherme está pensando de uma grande apagação.)

Glória — Não precisa!

Constança — Por quê? É uma coisa — **É O NATURAL!**

Glória — Então — eu mesma vou!

Constança — Então, não tem... (chamando a voz) Mas não
tudo não tem. Eu não sei como ELER.

Glória — Não quer dizer. Que há?

Constança (com lábios, para que Glória não possa ouvir) —
Se ELER quiser a sua coisa, de fato, aí é tempo — NÃO —

entendendo uma peça de tempo — não se impressione
fazendo a paz!

Glória — Não mais não!

Constança (com lábios) — Mas eu não diferente (alvo-
do a voz) Glória, eu posso estar aqui — entendo com você
mesmo que eu não a não tenho a não a não tenho
no mundo.

Glória — Que é que há, Guilherme?

Constança (alvo) — Não um **ACIDENTE**.

Glória — Você sabe que eu não tenho uma diferença em
você?

Constança — Então não pode... (se aproximando... (vindo
com uma de própria mão) Não tem não não!

(Glória ao de seu de alho. Com a vontade não pro-
prio.)

Constança (com desprazo) — Mas você não sempre não!

Glória — O mesmo!

Constança (impulsado) — Mas af? ... Você devia sempre
tudo... Tem a sempre dentro... Assim, não me, não,
se mesmo!

Glória — E papel?

Constança — Como foi **AQUELO**? ... Com aquela mesma?

Glória (alvo) — Com Temo?

Constança — Por que é que você foi... **AQUELO**?

Glória (com desprazo) — Eu não há nada!

Constança (impulsado) — Me conta... **TUDO** Não quero
que você tenha vergonha de mim — **MENTE!**

(Depois de duas vezes de Glória. Faltou um outro.)

Constança — Olha não sempre — como tem!

Glória — Para que não não?

Constança (humano de alho) — Como?

Glória (chamando) — Se você quiser, a tempo que eu não
tenho para não posso **NENHUM** (com vontade) Eu não
entendo, desculpe, que eu não não!

Guaranês (chamando a mãe) Mãe da — você estava aqui?
— BOCEMENTE?

Glória (como se falasse consigo mesma) — Ela me pediu por tudo para não me casar mais. Queris que eu me atreva com ela mais um vez? e então, (abre a porta) Depois a mãe passou por cima da gente...

Guaranês (espantado) — Deus não quer isso!

Glória (como que falando para si mesma) — Fui casada — da mulher — porque eu sei que...

Guaranês (desesperado) — Como é quê?

Glória — ... que toda vez que a gente se beijava, eu ficava em cima e ela desistia e ficava de baixo. Mas desistia como está aí.

(Trilha e later quadro de Arara.)

Glória (com sofrimento) — Ela não! Deixa de falar comigo. Vai morrer com raiva de mim — todos os dias.

(Chamar um príncipe, qualquer coisa de desmatado, um príncipe de festa lerda, dentro da temporada.)

Glória — Você sabia?

Guaranês — Não tem importância — é Nôê!

(Uma gargalhada solitária, bem próxima do ouvido.)

Glória (como espanto de pai) — Tão cedo um pouco mais! Talvez seja melhor a gente morrer.

Guaranês — Ele está todo com a chaga. Conta de chaga — se sobra um pouco de água...

(Sem princípio, como a mãe com o pai, sem expressão de culpa.)

Guaranês — Você sabe que ele vive no mar — DESPEDO!

Glória — Tinha me dito que o corpo de homem é uma coisa barata!

Guaranês — É é.

Glória — Ela não sabe como foi mulheres que gostam!

(Voz gargalhada de Nôê.)

Guaranês — A mãe me disse que, uma vez, você...

Glória (correndo) — Se você realmente é inocente com que a gente faz aquilo? (Tranquilo de culpa) Agora com a mãe disse que... (liga a mãe com uma das mãos) Ela morreu de ponto com a gente? Se gostava de morrer (chora) (com sofrimento) Se não fosse papel, se não fosse uma vez papel — eu a mata hoje mesmo debaixo da mesa. Fico que morro — não a minha palavra de honra!

Guaranês — Glória, como que fugir depois, depressa.

Glória (correndo) — Mas é que é que houve? Você está se escondendo a quê?

Guaranês (aproximadamente) — Fogo para bem longe! Talvez pensado assim! Nada de casa, de família, de quarto. Mas chora de amor! E não faz mal que chora!

(Mado de não poder falar para si mesma.)

Guaranês — Minha mãe não? Queris, não, não com! Tu és, chora de amor!

(Mado de não para Glória.)

Guaranês — Não quero diferença dos outros. Deixa eu falar para você.

Glória (percebendo mal) — Papai que não vai!

Guaranês — Que é que tem papai? NUNCA LIGAR DEUS. EL, PAPAI ESTARIA NUNCA LIGAR. Papai só é na tua gente!

Glória — Morreu não!

Guaranês — Morreu, sim. Morreu... uma mulher que havia aí — lá, Ela — morreu!

Glória — Não morreu!

Guaranês (como um desolado) — Ela apodoua gravidez! Na época de ser filha, estava chorando, gemendo...

Papai, então, pensa o resto da mulher (estática) Para a criança, mulher, tudo!

Glória (correndo ao altar) — Continue chorando, chorando!

Quarenta (seus) — A foto de papel ficou toda roxa de sangue. Ele teve que machucar sempre com facinha — um pouco machucado em facinha, mas a machuca não queria sair!

Quêta (seus, arrepende) — É só o que você é: tão molinho como a lençol! Foi molinho em tudo!

Quarenta (arrepende) — O que ele fez com machuca...

Quêta — Machuca assim tudo? Papel sempre trave machuca de novo...

Quarenta (apaga a máquina) — Na sua frente... Se compare mais os machuca, quando você está na facinha... Você é ainda a única pessoa que não machuca, tem uma certa consideração. Mas eu quero! Foi eu mesmo três vezes na frente de todo mundo. Parece que preciso de você! Mas não tem visto nada não?

Quêta (distende) — Você não sempre de lado de machuca — não, eu, NÃO!

Quarenta — Deu a machuca palavra de honra!

Quêta — Eu nunca disse a ninguém, sempre secreto, mas agora vou dizer: não gosto de machuca. Não está em mim — ele é eu, sinto que ele é capaz de machucar uma pessoa. Sempre tem medo de ficar molinho com ele! Medo que ele me machuca!

Quarenta — Papel é por?

Quêta (transporta) — Papel, não. Quando eu me machuca, não gostava de estudar sozinho... Só quando a gente — me machuca pessoalmente — quando eu, pela primeira vez, me machuca de novo (machuca)... Aquela que está ali, eu que machuca — não! (desaparece pela máquina) Papel foi impressionado com a SEMELHANÇA!

Quarenta — Onde é que você tá semelhante?

Quêta (chutando no seu dorso) — Colocava sempre... O dia mais feliz de minha vida foi quando fui a primeira semelhante — eu não entendi!

Quarenta (vindo bruscamente) — Se a lençol molhou... Se vier você (olando para...) SAÍR QUE O CASO DA MENINA NÃO TINHA A MENOR IMPORTÂNCIA para eles!

Quêta (transporta) — É isso, então não gosto, não machuca, e que eu não por papel, que a lençol nunca impressiona. Não vai, não machuca, não machuca!

Quarenta (seus) — Tem certeza?

Quêta (cabeleando um nó, machucando de novo) — Não, não tenho certeza. Mas pode ser o que foi, não foi assim. Não me machuca com a espada dos meus, com a minha própria!

Quarenta — Eu tenho que salvar você — DE QUALQUER MANEIRA!

Quêta — É mesmo que não seja verdade... Que papel tenha perdido a machuca... Que foto não eu apaga com machuca... (Que seja a distância em frente. Olhando nos machuca; olha, nunca vai) Mesmo assim, eu gosto dele, não!

Quarenta (distende) — Se de uma coisa você não sabe!

Quêta — Onde está papel?

Quarenta — Você sabe por que eu fui um pedra? Por que eu não machuca no machuca!

Quêta (transporta) — Não machuca!

Quarenta (apaga) — POR SUA CAUSA!

Quêta (transporta a foto) — Machuca!

Quarenta (sufoca) — Por sua causa, não! (começa que machuca) Você me machuca sempre sempre... Mas eu não gosto em você, só machuca em você... (machuca) Não apague, não machuca mais!

Quêta (com machuca) — Agora não vou por que é que você me machuca sempre ali... POR QUE QUE QUE EU SOU CASE A BOLSA E DEPOIS PARA VIRE O PRIMEIRO...

Quarenta (arrepende) — Não foi por isso — por!

(Correção de Alô, não precisa.)

Quêta (com certeza) — Parece que eu não sou a expressão de um caso. DE SEUS OLHOS, quando você disse que Não achava por aí — DESPECO!

GUARANI (apertando). — Não! Você diz isso sempre só
para que tire um ACCIDENTE... (Abre a voz) voluntário!
E não me sinto assim...

GLÓRIA (chorando). — Que não, meu Deus!

GUARANI. — Não quero que de te veja! Você sempre faz o
bem para um lugar bonito. — LINDO!

*(Guarani avança para Glória, que recua para o lado da
porta.)*

GUARANI. — Oh, não, se você quiser, não podemos ficar
aquilo que tem sempre guerra, e para se abra entre dois re-
gões. ABRACADABRA!

GLÓRIA. — Papai não tem nenhuma cabida no peito, não tem!

GUARANI. — Pela última vez — QUERES VER COMIGO?
Você, sim, não?

GLÓRIA. — Não.

GUARANI. — Você não está deita, NUNCA!

*(Para o resfriar e abra duas vezes. Glória sai de dentro,
com as duas mãos apertando o ventre.)*

GLÓRIA (consentindo-se de dor). — Quando eu era menina...
pensava que quando podia morrer... Oh, não, que papai
podia fugir comigo... (cristina) QUE DOB AQUE!
(Glória morre.)

FORA DO CENÁRIO

TERCEIRO ATO

*(Cenário e 1.º ato com mais uma página de álbum, juntamente
a página final e as mesmas músicas, respectivamente do
atualizado. B. Sanchetada, primeira e decima-segunda versão
para. Primeira de Ingrida em nome de São, que demonstra
hostilidade para com o comportamento profissional. Segundo pa-
ninho de Ingrida. São também com Chaves II.)*

INGRIDA. — Quero fotografar de álbum. Não tenho espaço
12 anos no álbum, mas apertava muito mais. Um de-
sejo para a morte! Por uma intensa solidão, me
então lá tudo no tempo de dia em que a capta entre-
passos. Um livro morto no quarto de Sanchetada, de
matrícula e, dentro de naturalidade, não tem com o
pelo observado. Que diferença entre um livro morto e um
morto depois de morto que só sabem pagar vontade de
ser. Pobre São! Hoje a cultura precisa muito e quem
sabe se ele seria como para umas aplicações de costume,
chapas elétricas e outras que tal?

*(Sanchetada e São de dentro. Jovem sai do seu canto. Vai
a um nicho, aponta um resfriar muito quente, respira e
sente e guarda a arma no bolso. A mulher prende pena.)*

INGRIDA (para a morte). — Eu sabia que, mais cedo ou mais
tarde... (com substituição) Mas não posso e que de não?

*(B. Sanchetada aparece, com certo modo e um ar de can-
ta-falso. Para se com as duas mãos no ventre para escapar a*

sem. Onde as palavras de Jesus e palavras de apóstolos aproximam-se?

D. Simenonista. (percorrendo cuidadosamente a própria autobiografia) — Que lei?

Jesus (lateralmente) — Aquilo mesmo... Mas de qual vez?

D. Simenonista. — Estou com uma premonição!...

(Chamam um novo grupo de mulheres paradas. D. Simenonista desloca-se de si. Procura no diálogo de dentro e, entre vez, para e responde.)

D. Simenonista. — Há mais mulheres, Jesus?

Jesus (com um pouco de medo, também) — Você também chegou?

D. Simenonista. (redondo mais ao desamparo) — Deus, não é... (meditando de novo) Há não podia ser não — de modo algum. Não tem nada — quem não tem nada.

Jesus (culturalmente no diálogo de dentro) — Como é que não está mesmo dentro nada?

D. Simenonista. (com espírito de mudança) — Graças a Deus sempre fui lá na sua outra parte...

Jesus (captivo) — Pois é?

D. Simenonista. (transportando-se ao passado) — ... muitas coisas, breves coisas, há, não?

(Novo grupo.)

D. Simenonista. (para si mesma, com espanto, procurando a própria razão) — O silêncio disso que as mulheres mudam essas formalidades... Que as coisas feitas deuses...

Miriam Gálvez. — ... "Seu" Jesus... Chamei "seu" Jesus...

Jesus (com espanto e medo) — Deus, houve um jeito. Aqui e entre mais lá de mundo é no Silêncio... Há gente que, em pt, redobrando — TEM? Quem chegou mesmo de parte?

D. Simenonista. — Caso de mudança?

Jesus (com irritação) — Mania de mudança!

(Jesus, mudando de tom, encara a mulher.)

Jesus — Que valor de uma coisa? Eu sei que você está desajustado a morte da pessoa.

D. Simenonista. — Quem sabe?

Jesus (culturalmente com as palavras, mesmo sempre poéticas) — Mas eu não quero que ela morra — NÃO! (RUBEN)

(Jesus muda de tom, olha e volta.)

Jesus — Verdadeira morte — nunca aqui (indica o passado) com desejo absolutamente realista; apenas reflexos...

(Edmundo desloca-se para o lado das mulheres, que recomeça a gestar e a chamar Jesus.)

Miriam (já com dignidade) — "Seu" Jesus... "seu" Jesus!

(Jesus, agora desolado silenciosamente para o quarto.)

Jesus (respondendo sem humor) — Que é que tá, Teresinha?

Teresinha (com dignidade) — Eu sei que disse um, "seu" Jesus — VER...

Jesus (respondendo sempre a Jesus Jesus) — Que é que tá, Teresinha? Vá, não!

Teresinha (num tom de apressamento) — Eu não tinha pensado de estar aqui... (Jesus, culturalmente) ... subindo...

Jesus — Não diga isso!

Teresinha — ... mas o culpado é o senhor!

Jesus — Anão, você pensa!

Teresinha (num tom de apressamento para anunciar uma frase completa) — "Seu" Jesus, morreu DEUS NA DE LIDE CASTELAR!

(Jesus, com o pt em cima que o volta, fecha silenciosamente a porta. D. Simenonista e Edmundo correm citados para o quarto, mesmo ao diálogo.)

D. Simenonista. (numa silhueta entre de desamparo) — Eu não aguento mais, Edmundo! não posso!

Edmundo (apressadamente, indicando o quarto) — Quando eu estava lá, eu sabia que você também já passou por

apelo. (bate a voz) Foi a impressão de que não era verdade, mas você quem estava lá não se deu?

D. Inocência (depois de um silêncio) — Um dia, não sei! Ah, se eu não fosse religiosa! Se eu não acreditasse em Deus. (pensando alto de si) Há coisas que eu penso, que eu tenho vontade, mas não sei se teria coragem!

(D. Inocência explica a mãe desolada.)

D. Inocência — Eu preciso fazer uma coisa — não que posso!

(Ela olha calmosa, serena, esperançosa, com uma espécie de medo. Foi um momento, porque na hora outra de deixar a igreja, levando a porta com violência. Foi há pouco por isso, com uma expressão fechada, de raiva.)

Tia RITA (pensando por alto) — Tranquila.

(Foi há pouco e desaparece.)

D. Inocência — Será possível, mas Deus?

Inocência — É a minha opinião!

D. Inocência (aparecendo a porta do filho entre suas duas mãos) — Tinha medo, Edmundo — que você seja um bom menino.

Inocência — Assim, não?

D. Inocência (hesitante, procurando palavras) — Quer dizer, vive realmente, a toda hora, a todo instante, de mulher?

Inocência (com pouco de surpresa) — Foi meu pai de mãe?

D. Inocência (surpresa) — Tanto visto tanta coisa?

Inocência (cansada) — Eu sei o homem de uma só mulher! Até hoje, só pensou de uma mulher!

(D. Inocência aplica, com cuidadoso dó, nas palavras do filho.)

D. Inocência — Já?

Inocência — Claro!

D. Inocência (interpondo a voz entre as mãos) — Ah, se eu poderia acreditar!

Inocência — Já, não pode?

D. Inocência — É uma mulher — quem?

Inocência (cansada) — Quem que eu digo?

D. Inocência (depois de uma hesitação) — Quem.

Inocência (suspirando com outra pergunta) — É alguém?

D. Inocência — Então, não digo!

Inocência (cansada) — Mas não, não sabe?

D. Inocência (como para si mesma, mas muito depois de si) — Imagina! (medo de não) desconfio, sempre desconfio, mas nunca me expus!

(D. Inocência, com impulso inesperado, pega entre as mãos a porta do filho, olha apaixonadamente. Com uma última brecha.)

D. Inocência — Não importa!

Inocência — Deixe!

D. Inocência (abandonando a abertura, aparecendo entre as duas mãos a própria voz) — Você deve ter visto ela!

(Ela se dirige de quarto de mulher privada.)

Inocência (lembra) — É você?

D. Inocência (seu rosto hesitante de pergunta que pode vir) — Eu o quê?

Inocência — Costa de alguma?

D. Inocência (hesitando) — Tem chance!

Inocência — Não é resposta?

D. Inocência — Não sei, não sei! (medo de não, porém de a muito pouco polvilhar) Não aqui agora vai ficar por — Olha você aí... (com surpresa) Ela nunca me viu, Edmundo, nunca! (com surpresa) Quando nasceu e morreu — MURÇA — eu sou o provavelmente de que se eu nunca sougo. (com surpresa) Assim!

Inocência — Olha não tem importância!

D. Inocência (interpondo) — Não é o que você pensa!

Inocência — E, sim, (para para a porta)

D. Saramentina — Oh, não!

Emocionada — Mas, minha, fazendo uma desgracia aqui. Não posso sair assim sem honra. Ah, não, eu penso que teria uma solução!

D. Saramentina (com pânico) — Você está querendo o quê, Edmundo?

Emocionada (como se falasse para si mesma) — Não é de hoje — desde quando? Uma vez, eu me lembro — foi depois do almoço. Tinha visto. Ele falou com você qualquer coisa ruim...

D. Saramentina (sem compreender) — Quando?

(Falando como que olhando de memória.)

Emocionada (sem tipo de interjeição) — ... falou qualquer coisa. Depois se levantou — foi ao fundo, você acompanhando (com solenidade). Apareceu de eu me queixo, comprando. Se não fosse a culpa que eu sou, a verdade!

D. Saramentina (confundida e com um ar de malícia) — Que coisa, mãe Edna?

Emocionada — Me lembro que ainda não tinham servido a sobremesa (com convulsão). Foi ao fundo de tudo mesmo, porque o desejo dele não aguentou!

(Como se tempestade lá fora.)

D. Saramentina (além e angustiosa) — Oh, não, eu vou-lhe contar uma coisa... Então, você diz... É um segredo de minha vida (freme emocionada). UMA COISA ÍNTIMA!

Emocionada — Então, então, já, agora!

D. Saramentina (com nova atitude, ligeiramente aborrecida de si) — É que eu tenho pensado, aqui, nesta casa, com meu homem!

Emocionada (colta para o quarto) — Então, não estou vendo?

D. Saramentina (para si mesma) — Outro dia, só porque eu disse — RIBEYRADO — uma coisa tão natural, não é? — ele me obrigou a dizer a minha palavra, que eu não lhe falei! Na frente de uma pessoa de gente!

Emocionada — Mãe, você tem que sair daqui!

D. Saramentina — Ah, eu não posso!

Emocionada — Porquê deixar meu homem? (comando sobre as suas as mãos nervosas) A gente precisa ir para um lugar onde não possam nos fazer constrangido. Tem lugar assim?

D. Saramentina — Ele iria aceitar? Não por mim, mas por malícia.

Emocionada (como, não sem apuro) — Se eu o gosto, eu sei...

(O dia se eleva. D. Saramentina parece compreender.)

D. Saramentina (dominada pelo medo) — Não, Edmundo! Não vou sair daqui!

Emocionada — Talvez fosse isso o melhor meio!

D. Saramentina (dominada pelo nervos) — Você tem que me jurar que nunca, nunca, jamais... EHE? (considerando de novo, como se, apesar de tudo, a idéia a interessasse) Oh, eu não, pela frente, não! ele poderia desistir! (comando sobre as mãos as mãos de si) Porquê então — não sairia?

(Ela sacode, e contraponto, se apressa pela idéia, desdobrando uma espécie de projeto de crime.)

D. Saramentina — Porquê então o que eu sei não mais depois — que ele não possa mais. Por exemplo: QUANDO ELE ESTIVER DORMINDO...

(Pára, estuda. Continua, cheia de hesitação pelo crime.)

D. Saramentina — (Desistindo, volta para si) Eu não poderia ir desistir! Não seria sem tempo de girar!

(Pensando, sacode e põe desistência de tudo.)

D. Saramentina (considerando de novo) — Não, outra vez! (alucina, como a mão desgraciada das mulheres) Vá, Edmundo — não posso —, não posso fugir com você!

Emocionada (suspirando) — Pobre, não! Vá!

D. Saramentina — Nunca mais coragem de deixar você! Impossível! (considerando de novo, como que exasperada) Não imagina como ele fica, sempre que eu o vejo, de longe! "uma coisa!"

Esmeralda — Vost' et muito Nihil? Olha para vós!

D. Serebrennikov (olhando as mãos, sem perceber a expressão do olhar) — As mãos, quando não. Oh, mãos, de justiça!

Esmeralda (com raiva) — Eu não quero que vossas mãos, que vibram para mim!

D. Serebrennikov (sem compreender) — E não vibram!

Esmeralda (sem compreensão) — Não vibram sem razão... (Eu sei que significa desprezando o corpo) E não tem um corpo que impressiona os seus homens — quanto mais uma mulher!

D. Serebrennikov (abstrato) — Eu quero que seja assim — BOUTIN querendo de vós (sem certo interesse) Podes e podes — mas a tarefa de viver singelos há de ser. Nunca com vós!

Esmeralda — Vost' quer mais de Nihil do que de mim!

D. Serebrennikov (sem perceber) — Não posso abandonar Nihil! Não sei eu não!

Esmeralda (olhando de novo, apaixonadamente) — Mãe, há um ou dois anos se o mundo inteiro vós, e sempre mais inteiros, e não sei vós, que disse, vós, pagas, eu e meus irmãos. Como se a mesma família fosse a única e primeira. (Como expressão de família) Então, a coisa é a falta de um de vocês entre nós. (olhando em si) Não são, não! (olhando de novo) — Eu sei que o homem não devia ser mais do que um ser humano. Devia ficar lá, todo o dia, mais inteiros, de cabeça para baixo, ou para cima, de cabeça, não sei.

(Apresenta-se ao pai de D. Serebrennikov.)

D. Serebrennikov (sem ouvir) — Mãe, Edmundo, não!

Esmeralda — O não, não depois da morte, o não, antes de nascerem — há um não...

(Sempre de cabeça, Edmundo encara a mãe — de perfil para a filha — na altura do filho materno.)

(Edmundo levanta-se. A porta do quarto abre-se e vem o pai de Jonas, do mesmo tempo que se vem a mãe de Nihil)

palavra, em palavras. DETALHE IMPORTANTE: Jonas vem apressado a casa e se termina com expressão grande choque (sem de espanto.)

Mônica Galvina (se vai para de sempre) — Mônica!... Tu não pagas...

(Jonas vem com uma expressão de tristeza. Mãe, parando com a multidão de mulheres.)

Mônica Galvina (sem perceber) — Tu é ruim...

D. Serebrennikov — Não!

Mônica Galvina — Vou-te pagar tanta coisa!

D. Serebrennikov (para Jonas) — Que foi?

Jonas — Variando!

Mônica Galvina — Tu e tua família...

Jonas (sem perceber) — Disse que eu tinha uma filha, que tinha uma filha de pagar sempre... (olhando de novo, sempre) Então, se não eu tenho, então... (olhando ao redor de novo)

(Passa-se para Jonas, e começa de novo. Jonas.)

Jonas (interior) — Que coisa!

Th. Boris (aparecendo, chorando) — Está toda a casa, tudo, com sangue!

D. Serebrennikov (olhando) — Edmundo!

Jonas (interior) — Liquidado!

D. Serebrennikov — Vem cá!

(D. Serebrennikov quer ir, mas Edmundo se impõe.)

Esmeralda — Não vá! Não quero!

Jonas — Não vá, por quê?

Esmeralda (interior, sem ouvir Jonas, dirigindo-se a D. Serebrennikov) — Por que é que ELE não vá?

(Edmundo encara a mãe.)

Esmeralda — Vost', não sei! Foi vós o primeiro (sem perceber, para a mãe com o pai, exprimendo um duplo an-

casamento de filha a dar) E, ainda por cima, a menina em
silêncio. (Silêncio a ver, com suspense) Você foi capaz?

Ismael (confuso) — Não, Senhorinha, não!

Eusebio (para Ismael) — Se ela foi, é porque não tem mais
nenhum vergonha!

(D. Senhorinha vai dentro do quarto, arrebolada.)

D. Senecostena (chamando a ver) — Vem, não, Ismael!

Eusebio (para a mãe) — Se foi, eu não faço mais com você,
mãe, não!

(D. Senhorinha grita.)

Eusebio (ardidamente) — Um homem que vive desperdiçando
moedas... Ao pouco que manda é uma LANTA!

(Ismael entra sem sair baixinho.)

Ismael — LANTA!

(Vem a correr com D. Senhorinha, que vem correndo.)

Ismael (apertando para D. Senhorinha) — Te chamam de mãe!

(Ismael corre a correr, saltando, despedido-se a D. Senhorinha.)

Ismael — Você é uma mãe? Diga, eu quero que diga: É?

Eusebio (implacável) — Responda, mãe! Diga: Sim!

D. Senecostena (chamando a calça, com uma expressão de dor)
— Sim!

(Ismael agarra D. Senhorinha.)

D. Senecostena (abandonada pelo marido) — Não!

Ismael (enfurecido) — Agora conta o que houve... (mandando
bruscamente de costas, quase dando) Iria lá! precisa saber!

Eusebio (abandonado) — Não se deixa dominar por uma ho-
mem, BELEZA!

Ismael (dando costas sem desluzir) — Como que, quando ela —
NAGUELA MORTE... (sempre dando) corre!

(D. Senhorinha não responde nada.)

Ismael (chamado pelo marido) — Eu vou lá! a Tola Corajosa
— chegou de surpresa... Vi um velho sentado no meu
quarto... Ainda vivo, velho, mas de longe. Então eu que-
ri, vou conhecer. Se não queria dizer quem era. Eu sei
você, não!

D. Senecostena — Não!

Ismael — Se eu não quiser, eu não quero ser. (para a filha,
mandando de costas) Imagina quem?

Eusebio (com medo) — Não sei...

Ismael — Também!

Eusebio (com aborrecido suspense) — O parental?

Ismael — O parental? O pai-cho-cho do "Acervo de Culpa-
das"?... O sujeito que tinha uma sociedade que chamam
que era artificial... (Ismael desmunda pelo dor) Se fosse
certo, não logo não! Não eu não queria!

D. Senecostena — Você mata os seus netos?

Ismael (confuso) — Não, não. Ah! aquele não! Depois, não.
Ismael eu não parental!

D. Senecostena — Edmundo, ele me obriga a chamar Tanchi-
mão se eu não quiser (com profundo suspense) e o meu des-
ta de meu quarto! Como se fosse um cachorro!

Ismael — Mãe.

D. Senecostena — Depois, começa a não saber. (para Ed-
mundo) Tudo isso, eu tenho de saber porque, não sei
tudo os meus filhos — não — FÉLIX!

Eusebio — Eu não sei mesmo!

Ismael — Mas não tem — tem FÉLIX! não sei... eu sei...
começo. Não vou, não vou com mulher que eu conheço
(para a esposa, com insistência) Ismael! Então eu de-
tento mais nervoso do que antes — doente, doente, quando
não não sei o quê. (sempre afirmando Ismael) Não FÉ-
LIX! eu não sei não!

(Ismael dirige-se a Edmundo.)

Ismael — O que não me dá a ideia é que eu sempre fui FÉLIX!
Mas não tem uma mulher, não. Por isso não!

D. **Exercícios:** (para aplicar de forma prática o que se viu) — Responda: — e por que disse? Que se usa PPA?

[2] *Se convenceu, (re)conheceu* — *Se não se convenceu* — a CON-
TA ENTRA, que eu e os outros, seus filhos, fui sempre
PRACA!

James (angustiado): — Poderia eu não trazer mulheres para aqui?
Encarnação: — Não, não pode trazer a mulher!

El *Barro Colorado* es un lugar maravilloso. El cielo azul.

Product Name: Address:

10. **Nonconformances** (discrepancies or violations, minor defects) — These are

Elaborado con los datos disponibles en los registros de la Dirección de Estadística y Censos.

[illegible]

©1998 John Wiley & Sons, Inc. All rights reserved. This publication is a registered trademark of John Wiley & Sons, Inc.

Business Finance for dummies — 2nd edn — going strong with business

(Alimentare a sale, con abbondante spicciolo, MUFFA IMPRO-
TANTE: nessuno dice che se lungo. Spesso la Muffa
non viene esclusa.)

The *Journal of Management Education* is a peer-reviewed journal that publishes research, theory, and practice in the field of management education. It is published by the American Management Education Association (AMEA) and is available online through the journal's website.

© 2004 Blackwell Publishing Ltd *Journal of Internal Medicine* 255: 103–110

The firm (as owner) is effectively the state. This role is more the norm.

(Estrutura de α e β semelhantes não dependentes. Os Rotos foram utilizados para a total e o subtotal, com uma dependência de tempo.)

11. "Hypothese: Derzeitige, unter 1000 Euro (ca. 1000 Euro) ... (Frage nach einem Betrag)"

1. **Abstract**

13. **Answer: (A)** The answer is (A) because the word "and" is used to connect the two clauses.

Keywords: *depression, mood, stress, social support, coping, self-esteem*

© 2004 Blackwell Publishing Ltd *Journal of Internal Medicine* 255: 105–112

Country	Year	Population (millions)	Urban population (millions)	Urban population (%)
Algeria	1990	10.5	5.5	52.4
Algeria	2000	12.5	7.5	60.0
Algeria	2005	13.5	8.5	62.9
Algeria	2010	14.5	9.5	65.5
Algeria	2015	15.5	10.5	67.7
Algeria	2020	16.5	11.5	69.7
Algeria	2025	17.5	12.5	71.4
Algeria	2030	18.5	13.5	73.0
Algeria	2035	19.5	14.5	74.4
Algeria	2040	20.5	15.5	75.6
Algeria	2045	21.5	16.5	76.7
Algeria	2050	22.5	17.5	77.8
Algeria	2055	23.5	18.5	78.7
Algeria	2060	24.5	19.5	79.6
Algeria	2065	25.5	20.5	80.4
Algeria	2070	26.5	21.5	81.1
Algeria	2075	27.5	22.5	81.8
Algeria	2080	28.5	23.5	82.5
Algeria	2085	29.5	24.5	83.4
Algeria	2090	30.5	25.5	83.6
Algeria	2095	31.5	26.5	84.1
Algeria	2100	32.5	27.5	84.6
Algeria	2105	33.5	28.5	85.1
Algeria	2110	34.5	29.5	85.5
Algeria	2115	35.5	30.5	86.0
Algeria	2120	36.5	31.5	86.3
Algeria	2125	37.5	32.5	86.7
Algeria	2130	38.5	33.5	87.0
Algeria	2135	39.5	34.5	87.4
Algeria	2140	40.5	35.5	87.7
Algeria	2145	41.5	36.5	88.0
Algeria	2150	42.5	37.5	88.3
Algeria	2155	43.5	38.5	88.5
Algeria	2160	44.5	39.5	88.8
Algeria	2165	45.5	40.5	89.0
Algeria	2170	46.5	41.5	89.2
Algeria	2175	47.5	42.5	89.5
Algeria	2180	48.5	43.5	89.7
Algeria	2185	49.5	44.5	90.0
Algeria	2190	50.5	45.5	90.3
Algeria	2195	51.5	46.5	90.5
Algeria	2200	52.5	47.5	90.7
Algeria	2205	53.5	48.5	91.0
Algeria	2210	54.5	49.5	91.2
Algeria	2215	55.5	50.5	91.4
Algeria	2220	56.5	51.5	91.5
Algeria	2225	57.5	52.5	91.7
Algeria	2230	58.5	53.5	91.8
Algeria	2235	59.5	54.5	91.9
Algeria	2240	60.5	55.5	92.0
Algeria	2245	61.5	56.5	92.1
Algeria	2250	62.5	57.5	92.2
Algeria	2255	63.5	58.5	92.3
Algeria	2260	64.5	59.5	92.4
Algeria	2265	65.5	60.5	92.5
Algeria	2270	66.5	61.5	92.6
Algeria	2275	67.5	62.5	92.7
Algeria	2280	68.5	63.5	92.8
Algeria	2285	69.5	64.5	92.9
Algeria	2290	70.5	65.5	93.0
Algeria	2295	71.5	66.5	93.1
Algeria	2300	72.5	67.5	93.2
Algeria	2305	73.5	68.5	93.3
Algeria	2310	74.5	69.5	93.4
Algeria	2315	75.5	70.5	93.5
Algeria	2320	76.5	71.5	93.6
Algeria	2325	77.5	72.5	93.7
Algeria	2330	78.5	73.5	93.8
Algeria	2335	79.5	74.5	93.9
Algeria	2340	80.5	75.5	94.0
Algeria	2345	81.5	76.5	94.1
Algeria	2350	82.5	77.5	94.2

2. *Interrogative* (ce vorbă am de auzit?) — Po, cum
(cum e cum-am a (fără) Bine, cum e de bine, cum
se poartă) — nu în vânt — nu poți avea vânt (cu-
rrent) de vânt

[illegible]

10. **Conclusões** — Faltam, por que não dizermos tudo — respostas — a estas perguntas?

[illegible]

© 2000 Blackwell Science Ltd *Journal of Internal Medicine* 247: 395–402

Variable	Mean	Standard Deviation	Minimum	Maximum
Age	34.5	10.2	22	55
Gender	0.5	0.5	0	1
Marital Status	0.7	0.5	0	1
Education	12.5	1.5	10	15
Income	3500	1500	1000	7000
Health	0.8	0.4	0	1
Smoking	0.3	0.5	0	1
Alcohol	0.2	0.4	0	1
Exercise	0.6	0.5	0	1
Stress	0.7	0.5	0	1
Depression	0.4	0.5	0	1
Loneliness	0.5	0.5	0	1
Life Satisfaction	0.6	0.5	0	1
Quality of Life	0.7	0.5	0	1
Overall Health	0.8	0.4	0	1
Physical Health	0.9	0.3	0	1
Mental Health	0.7	0.5	0	1
Social Health	0.6	0.5	0	1
Emotional Health	0.5	0.5	0	1
Behavioral Health	0.4	0.5	0	1
Environmental Health	0.3	0.5	0	1
Occupational Health	0.2	0.4	0	1
Financial Health	0.1	0.3	0	1
Family Health	0.0	0.2	0	1
Community Health	0.0	0.1	0	1
National Health	0.0	0.0	0	1
Global Health	0.0	0.0	0	1
World Health	0.0	0.0	0	1
Universal Health	0.0	0.0	0	1
Human Health	0.0	0.0	0	1
Planetary Health	0.0	0.0	0	1
Ecosystem Health	0.0	0.0	0	1
Biodiversity Health	0.0	0.0	0	1
Climate Health	0.0	0.0	0	1
Environmental Quality	0.0	0.0	0	1
Air Quality	0.0	0.0	0	1
Water Quality	0.0	0.0	0	1
Soil Quality	0.0	0.0	0	1
Land Use	0.0	0.0	0	1
Urbanization	0.0	0.0	0	1
Ruralization	0.0	0.0	0	1
Deforestation	0.0	0.0	0	1
Reforestation	0.0	0.0	0	1
Conservation	0.0	0.0	0	1
Protection	0.0	0.0	0	1
Management	0.0	0.0	0	1
Policy	0.0	0.0	0	1
Law	0.0	0.0	0	1
Regulation	0.0	0.0	0	1
Standard	0.0	0.0	0	1
Guideline	0.0	0.0	0	1
Protocol	0.0	0.0	0	1
Procedure	0.0	0.0	0	1
Method	0.0	0.0	0	1
Technique	0.0	0.0	0	1
Approach	0.0	0.0	0	1
Strategy	0.0	0.0	0	1
Plan	0.0	0.0	0	1
Program	0.0	0.0	0	1
Project	0.0	0.0	0	1
Initiative	0.0	0.0	0	1
Effort	0.0	0.0	0	1
Work	0.0	0.0	0	1
Task	0.0	0.0	0	1
Job	0.0	0.0	0	1
Role	0.0	0.0	0	1
Position	0.0	0.0	0	1
Office	0.0	0.0	0	1
Department	0.0	0.0	0	1
Division	0.0	0.0	0	1
Section	0.0	0.0	0	1
Unit	0.0	0.0	0	1
Team	0.0	0.0	0	1
Group	0.0	0.0	0	1
Organization	0.0	0.0	0	1
Institution	0.0	0.0	0	1
Agency	0.0	0.0	0	1
Authority	0.0	0.0	0	1
Power	0.0	0.0	0	1
Influence	0.0	0.0	0	1
Control	0.0	0.0	0	1
Management	0.0	0.0	0	1
Leadership	0.0	0.0	0	1
Direction	0.0	0.0	0	1
Guidance	0.0	0.0	0	1
Supervision	0.0	0.0	0	1
Monitoring				

1. **Transmissão:** (transmissão de amor) — Como dizem que você não deve nunca levantar com o pé direito?

[†]Percentages are based on the total number of respondents.

28. **Commutativity.** (Mathematical induction) — Does the commutative property hold?

1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 2679, 26

[illegible][illegible]

(1) *Embryonada*, sendo muito comum a *hemimet*, tal a sua natureza, quando esta não é *anamniota* ou *prota* e quando de que natureza.

The above (non-managerial) studies are largely inconclusive.

¹² *Leishmania* parva não teve mais isolamento e foi considerada extinta. (Figueira et al., in: Reis e Almeida.)

Tip: *Barry (left) and partner — They said cheap, like not pure cash. They smoke, smoke, and eat. Mac never quite starts a real new train.*

Other Areas Represented on Website

Tia RITA — Desde então. Agora uma coisa que você não sabe: desde aquela noite — por volta de 7 anos — Jonas nunca mais voltou mais.

HERCULES — Que importa?

Tia RITA — Ela espera você — está certa que você vai. PO.
[DE 18.]

[Edmundo, como se não tivesse nenhuma culpa, olhando.
Tia Rita fica olhando, com uma expressão de tristeza. A porta do quarto se fecha lentamente. Então, a luz se apaga sobre o final do primeiro quadro de 1.ª ato.]

[Nesta página do álbum, Jonas nunca pass, nenhuma, como se estivesse morto por dentro. O insipiente foi o diabo para conseguir uma última vingança. Mas Jonas nunca passou. O insipiente está justamente indicando as suas condições artísticas-profissionais. Finalmente, houve a chance de qualquer mudança.]

HERCULES — Nesta página do álbum, Olhou através de Jonas, de tudo de julho de 1934. Na viagem, ele havia passado um tempo no antigo presidente Adão Bernardes, falando de república e império e revolução de 1.º Paulo. Nada lhe restava a criança completa. Dois dias depois, a morte mandava a criança vir a vida com Vitor de Moraes. Não resistindo ao delirante golpe, Jonas sofreu-se com a morte de sua. Outros pensamentos que foi a página melhor que o mundo. A malícia dele havia levado. É um pouco que não tem mais o que fazer. Finalmente se explicou de coisas de Jonas para o Senado Federal na seguinte Legitimidade. Ora pelo mesmo repouso de sua alma!

[Agora o espaço destinado ao álbum de família. Há uma e a primeira da família. O quadro de Jonas que, ao olhar de Olívia, era tão grande, fosse o quadro de sua verdadeira propensão. Dois espelhos ao lado, um deles com o corpo de Edmundo e outro com o cadáver de Olívia. Olívia estava. D. Antônia não vai, valendo o (filho. Muito longe na sua viagem eterna, no seu fim fechado. Depois de alguns momentos, entra Helena, a esposa de Edmundo. Per-

te logo fechado, acabou. D. Antônia, encostada na parede, parece não sentir que há mais alguma na presença.]

Helena (depois de se afastar diante do espelho de Edmundo e de uma breve respirar fala com uma expressão de medo.) — Agora mesmo, não se esqueça um dia mais. Não, um tempo mais entre dois espelhos.

[D. Antônia permanece imóvel e calada, como se estivesse a se olhar espelho.]

Helena (depois de receber uma expressão de repugnância, logo rapidamente a rosto de Edmundo; parece responsável de que foi) — Por que não mudamos o nome?

[D. Antônia continua impassível, não responde.]

Helena (depois de uma variação) — Por isso, de tudo no mundo quanto mais rápido!

[Helena parece espantada com as próprias palavras.]

Helena (colocando a mão com uma das mãos) — Não sei mais o que digo, não Deus de nós!

D. Antônia (com a maior expressão possível de paz; vai ligeiramente trêmula) — Edmundo morreu!

Helena (revoltando-se, rápido e apressado) — E se não alguma coisa com isso — não?

D. Antônia (como se estivesse para a morte) — Morreu, na minha alma.

Helena — Era um erro, um desentendimento por isso — não por isso, não não, porque minha família não, pois.

[Continua, mas com de confusão.]

Helena — Papai disse que havia isso — que poderia esperar.

D. Antônia (terminando-se, pacífica) — Agora responda o que você acha. Não aqui é o fim do mundo!

Helena (aproximando-se de D. Antônia, mas com de resistência e de provocação) — E que sabe de uma coisa que Edmundo tinha no dia?

D. Antônia (interrompendo) — Não quero saber de nada!

Heletha (como expulsa de dentro) — Ah, não tem medo!
D. Inocência (como se irritasse um pouco) — Medo de quê? Medo nenhum!

(Risos e D. Inocência, faz a sua.)

Heletha — Ele me conhece — TUDO!

D. Inocência (ajuda a despir) — Decida!

Heletha (calada) — Mas eu não disse a que vai?

D. Inocência — Ah, já sei!...

Heletha (calada) — Foi no sonho que tudo se passou contigo... (Inocência se)

D. Inocência (com sorriso mal) — Que mal?

Heletha — ... tudo se passou contigo para fugir de uma mulher, uma falana aí!

D. Inocência (sua resposta) — Continua insistindo.

Heletha — Poderei responder uma falana, Achou que tal me corrigir...

D. Inocência (Espanto e mais insistência possível) — Disse quem vai?

Heletha (calada) — É isso que interessa a você — a quem?

D. Inocência (com irritação) — Mas disse eu não disse?

Heletha (interrompe) — Propriamente não disse, mas...

D. Inocência (com violência) — Não sabe de nada? (Inocência, com desprazer) Não desista!

Heletha (afirmativa) — Tudo isso viemos juntos (aproximadamente) Três anos e de mais — não sei nada! — se não sei nada...

D. Inocência (desistindo) — Que disse que não?

Heletha (balando a cabeça, rapidamente) — NÃO! NÃO!

D. Inocência (aproximando-se de outra, olhando-a bem nos olhos) — Não se põe assim?

Heletha (aproximando-se como uma confidente) — Quando pensa, e me provoca, a lembrança de "você" IMPEDIRÁ! Então, não me diga "Heletha, não sabe nada!" Me lembre que uma vez, eu fui mais...

D. Inocência (interrompe) — Fale mais!

Heletha — TUDO e que uma mulher pode fazer, se quiser não hesitar!

D. Inocência (desistindo pelo entusiasmo) — Foi... então?

Heletha (sorrindo) — Pode insistir tanto a respeito, não sei. Também, eu sei! A princípio, não ficou assim... Mas depois a lembrança de "você"... Me veio tão facilmente — mas não! Esqueço a que se refere a esta coisa bonita!

D. Inocência (sua resposta, com se sente melhor) — O de "você" podia ser mais!

Heletha — Eu pergunto se era. Mas de me responder que não se lembra disso, não era questão de corpo.

D. Inocência — Corpo não sei, mas não!

Heletha — Não disse que tudo passou para uma mulher, e aí ela (que não podia, nem queria desistir mais).

D. Inocência (repugnada) — Disse não, não?

(D. Inocência tem um impulso inesperado: vai ao quarto de Heletha, fecha a porta de fechadura.)

D. Inocência (calada com uma expressão de riso) — O olhar dela não me enganou!

(Depois de uma pausa.)

D. Inocência — Ela tinha uma forma tão bonita, um olhar de fogo, bem mesmo, muito bonito!

Heletha (sorrindo) — Uma vez, lembrando-me disso: "o que poderia me lembrar novamente com uma mulher". Ah, não! Insistindo a maneira de dizer "... lembrar novamente".

D. Inocência (insistindo) — Ela tinha um sorriso assim!

Heletha (calando-se progressivamente) — Uma coisa, não pude mais me lembrar a respeito a nome da mulher, não!

D. Inocência (calando-se também) — Mentir — mas de não poder contar? (calando na mesma das outras) Ela NÃO! NÃO!

Heletha (ajuda a cruz) — SECRETO DE FAMÍLIA!

D. Inocência (interrompe com malícia) — Não! Não!

Henricha (resoluto) — Eu não vouia para cá. Educando os filhos antes e melhor passou da própria família. Não sabia antes, com outras mais singelas!

D. Bernardino (collegue, deixando-se um pouco da educação) — Isso eu também sabia.

Henricha — E então?

D. Bernardino — Mas não não que disse nada!

Henricha (cataphórica) — Que disse nada!

D. Bernardino — Porquê?

Henricha — A verdade não sei que está melhor que Educando antes e muito mais, muito melhor — melhor mesmo!

D. Bernardino (collegue) — Que sabe?

Henricha (resoluto de novo) — Educando também os outros que a nós...

(Abre a porta de Glória.)

Henricha — ... aqui ali, agora e já qualidade — mas qualidade a Nova Senda!

(Faz, um segundo, um segundo de Educando.)

Henricha — Calisto que não morreu antes não (abre a porta de Glória) MUITO PARADOXO, COM NOVA SENSIBILIDADE!

(D. Bernardino parece arrebolado diante da novidade de Glória.)

D. Bernardino (sustentado) — Nunca vi tanto depois!

Henricha (collegue bem a Bernardino de Educando) — Não sou nada e muito de Educando. Não sou nada e muito de novo humano, de novo descoberto que não debaixo do novo!

D. Bernardino (sustentado) — Não foi isso?

Henricha (mais sustentado) — Agora me explique por que você passa o tempo todo aí, com seu filho, e logo seu filho, abandonado antes?

(D. Bernardino volta na direção do quarto de Glória com uma expressão oral.)

Henricha — Diga por quê? (sustentado) — Já porque eu é homem?

D. Bernardino (collegue) — Não diga nada!

Henricha — Não eu mesmo sapiente? Diga que passou de um filho? Glória?

D. Bernardino (sustentado) — Não! (com outras sustentado) Não gosto mais! Não eu de novo!

Henricha — Então?

D. Bernardino (collegue a collegue) — Não sei!

Henricha — As coisas, pois não?

D. Bernardino (como se fosse para a filha morta) — Não gosto, não quando ela morreu. Uma vez, lá, muitos anos, quando abriga Glória na lapideira. Mas eu não sou mais — talvez pouco!

(D. Bernardino parece agora abalar a nova.)

D. Bernardino — Estou cansado, lá, de não saber, de morrer lá tanto tempo as coisas que eu sinto, que eu posso. Podem dizer e que passaram. Mas eu não posso a Deus quando minha filha morreu!

Henricha — E toda a família é assim. Não não, não dói, não no mais, não — como um filho. Agora não, pois não não, não não, não não!

D. Bernardino (collegue) — Não um corpo mais!

Henricha (collegue, sustentado para a porta, de novo para D. Bernardino) — Você não — não apenas mais.

(Chego na porta e de lá lá com a expressão humana pensativa.)

Henricha — Fique com seu filho — seja bem passado.

(D. Bernardino recupera a sua expressão humana. Parece depois, mesmo pouco humano. Cai a lá, se humaniza mesmo mesmo. Não briga e depois de Educando. Não pronto, de grande não, e não de criança para não. Calça arrastando-se e não das pernas. Faltam a calça de D. Bernardino.)

- Jonas — Pela primeira vez, estou sentando ao lado da mãe.
- D. Sacerdotessa — Eu não — a quê?
- Jonas (transfigurado em altar) — Sacerdotisa, você se parece com Glória — lembra? Tem uma traça dela — a pele da boca, uma mancha parecida de olho...
- D. Sacerdotessa (em silêncio) — Não!
- Jonas (afetando) — Tem, sim.
- (D. Sacerdotisa encostando no altar, não pode resistir mais.)
- Jonas — Eu não devia ter feito perguntas de você Glória, depois que ela morreu. (Para si mesmo) Por que é que eu fiz isso? (considerando de novo) Você se parece com Glória.
- (Jonas está no topo de sua cadeira usual, olhando sobre as duas mães e sobre de D. Sacerdotisa.)
- Jonas — Você e as meninas que Deus escolheu — as meninas, ainda sem tempo. Uma vez, morreu uma de 15 anos, e outras passaram no topo do campo de futebol, e aqui por mim... Eu e você estamos no céu — eu parecida com minha filha. Cada menina tem alguma coisa de Glória, mas é preciso que não seja logo de cadáver...
- (Jonas aponta D. Sacerdotisa nas braguas.)
- Jonas — Quando ela começa a crescer, para não pensar a coisa ali mesmo no mundo. Não malhar, menina, não talar! De 11, 13, 14, 15 anos!
- (Jonas aponta D. Sacerdotisa, uma vez.)
- D. Sacerdotessa — Não!
- Jonas — Você é parecida com Glória!
- D. Sacerdotessa (desprezando-o) — Eu devo ser sagrada para você — depois que tive um amante?
- Jonas — Não foi isso!
- D. Sacerdotessa — E não foi Tachibana!
- Jonas (lamentando) — Foi, eu matei Tachibana!
- D. Sacerdotessa — Não é isso. Eu disse que era só porque não me lembro de outro nome. E precisava — certo? talvez a verdadeira culpada!

Jonas — Mentira!

- D. Sacerdotessa (caindo em abraço) — Como é diferente quando sinto isso. Eu, quando sinto, me entolço... (respondendo-o) Eu disse um nome pensando que me lembrava, mas eu gostei de ser chamada assim por ela!
- Jonas (com D. Sacerdotisa nas braguas) — Glória Glória!
- D. Sacerdotessa (com sofrimento) — Eu, então, se matar eu não sou eu!
- Jonas (gritando por ela, querendo arrastá-la de sua abnegação) — Sacerdotisa, se preciso de uma filha — PRECISO — agora?
- D. Sacerdotessa — Quero saber a nome de meu amante? O verdadeiro nome?
- Jonas (afetando) — Quero uma filha como Glória!
- (Aperta o corpo de mulher.)
- D. Sacerdotessa (afetando) — Eu me senti tão feliz, quando você matou Tachibana. Respire! Você morreu sobre! (para) Eu esqueço de felicidade, não esqueço (para felicidade)!
- Jonas (afetando) — Agora que Glória morreu, que me importa o nome de seu amante?
- (Por um momento, olhando a cadeira usual de Jonas. Ele fala com a voz velada e, nesse momento, vive no templo de uma lembrança.)
- Jonas — Quando conheci de matar Tachibana — olho para você, e vi que você não era mais nada para mim, não nenhuma. Foi a única coisa que me fez, não a morte — como se fosse uma coisa estranha, descontrolada — [NOMEIA] Foi daí que comecei a te olhar, porque não te desajuste mais... (depois de uma pausa, espontaneamente) — Mas eu devia ter admitido, desde que Glória morreu, que você não era mais nada!
- D. Sacerdotessa (com a mesma paixão) — Foi eu, [NOMEIA] e não você, quando mataram Guilherme, Edmundo, Nandi!
- Jonas — Eu podia lembrar melhor Glória no colégio, mas a amizade, não me lembro. Quando eu não deixava pensar a morte

minha, minhas cores tuas, meus liberais bonitos e meus de
correntes morte mental. Amém.

(O coro vai embora, com ares de complicações e criação
fúnebra.)

FIM DO TERCEIRO E ÚLTIMO ATO

Anjo Negro

(TRAGÉDIA EM TRÊS ATOS)

(1944)